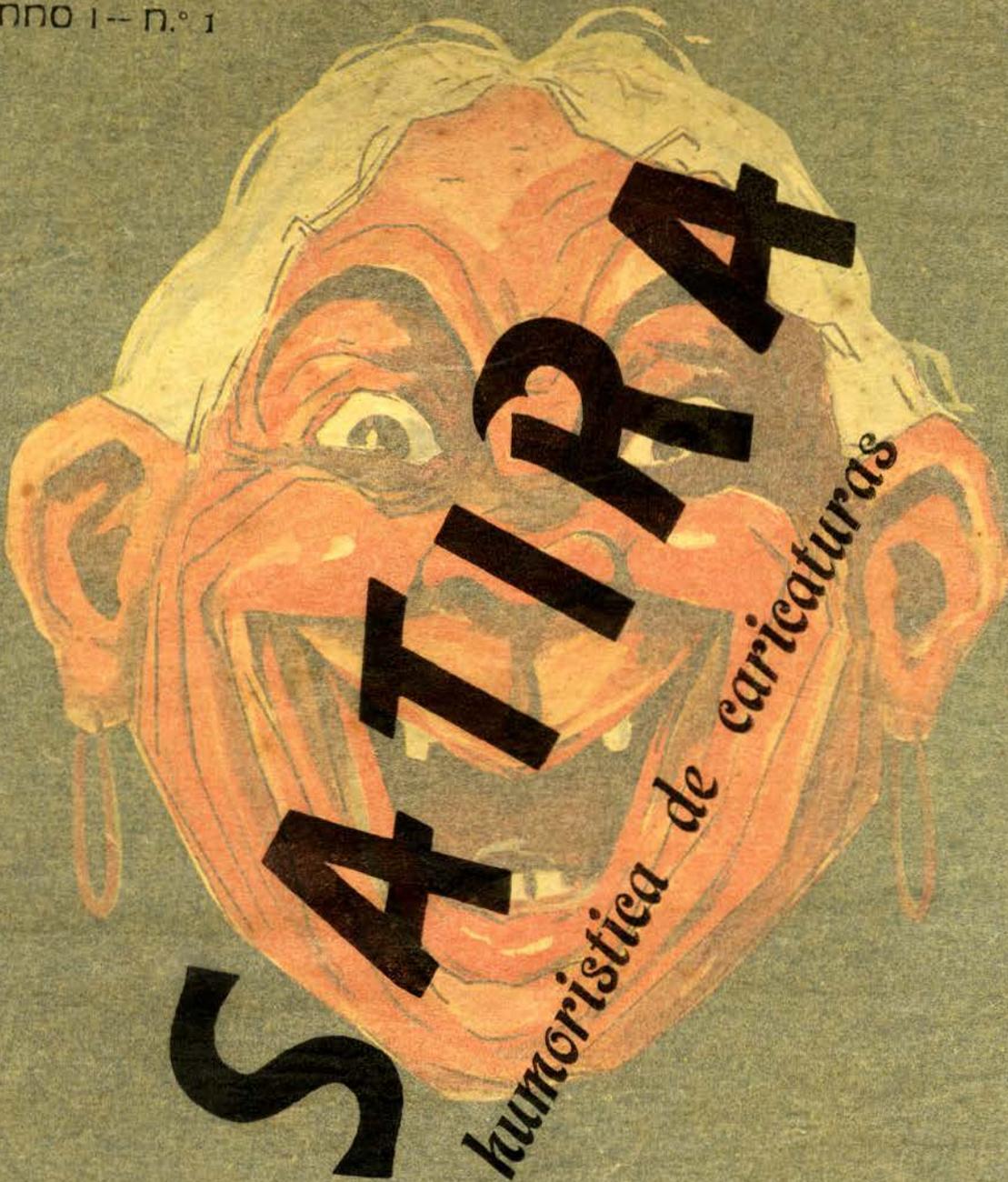


Anno I -- n.º 1



SATIRA

Revista humorística de caricaturas

A

LIVRARIA ACADEMICA
COIMBRA 8.FEB.1911
MOURA MARQUES

DIRECTOR E PROPRIETARIO: Joaquim Guerra
EDITOR: José Stuart Corvalhoes

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA MADALENA 25
PREÇO 60 RÉIS

2/10/11

LIVRARIA ACADEMICA
COIMBRA 8.FEB.1911
MOURA MARQUES



A SATIRA

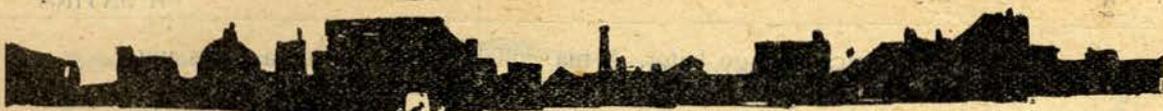
DIRECTOR E PROPRIETARIO: Joaquim Guerreiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA MAGDALENA-125, 2.º

EDITOR: José Stuart Carvalhaes

Composição e Impressão: Typ. de A. M. ANTUNES, Calc. da Gloria, 6 a 10—LISBOA

P. M. Monteiro G.V.



A SATIRA

REVISTA HUMORISTICA DE CARICATURAS

EDITOR—José Stuart Carvalhaes

DIRECTOR E PROPRIETARIO — Joaquim Guerreiro

Redacção e Administração—R. da Magdalena, 125, 2.º

Typ. Antunes — Calçada da Gloria, 6 a 10 — LISBOA

Ridendo castigat...

ASSESTA leitor amigo o teu monoculo e aguça a tua curiosidade que vae levantar o panno. A funcção vae começar. Podia pôr-se sobre o portico, *Aquí vive o riso* em opposição á tremebunda porta do *Inferno* do Dante: *Deixae aquí toda a esperança*. Não. Nós preferi nos aos oculos de Heraclito, um chorão historico que padecia dos callos, o grande riso franco e jovial de Democrito um galhofeiro que sabia o que eram dores de barriga ou unhas encravadas e

«..... ria

Do que a nós nos causa dôr;»

A funcção vae começar. Apresta-te que a ronda começa agora farandolando. Aqui verás passar toda uma galeria de typos que tu conheces, uns altos e outros baixos, gordos uns, nedios como cevados, outros magros, da magreza diaphana de um cavallico que de picador votado ao exterminio. Politicos e homens de genio, barbeiros e homens de letras, tiracallos e deita-gatos, sopeiras e patroas, policias e fadistas, padrecas e atheus, farroupilhas e nababos, tudo isso que faz parte da grande Comedia humana, tudo isso ao abrir das paginas te saltará sorrindo, gargalhando, foliando desengonçado e picaresco. Verás a Arcada, os jornaes, a janella, a rua, a escada, a sarchistia, a tabolêta. Verás «a grrande cidade da Alexandria onde nasce o sol ao meio dia», e um bezourosinho impertinente te servirá de cicerone. Mas ainda ha mais. Se o nosso estado de espirito o permittir e o favor publico nos ajudar contractaremos o celeberrimo homem macaco, a não menos celebre mulher electrica e o *celeberrissimo* padre Mattos com o seu orphão Albino (*outro... que aquelle já está... morto*) e o seu repertorio (muito melhorado) de *jotas*, *tangos* e *peteneras*.

A rir nos encontrarás com o nascer do sol, quando vier a noite é ainda a rir que nos despediremos de ti. O riso n'estas tuas paginas é eterno e permanente. Se te massares, tens direito a uma carêta. Mas, figas canhoto, longe vá o agoiro! Contamos com



STUART

a tua collaboração amigo leitor. A tua collaboração monetaria. Tres vintens é menos uma *Aguiá* e mais uma gargalhada. Uma ninharia afinal de que a rapaziada te indemnizará fazendo-te cocegas até que tu, leitor amigo,

mon semblant, mon frere

como se diz no Beaudelaire, tenhas dado cabo das presilhas. Tomem pois os seus logares meus senhores. Attenção. Vae começar. Bum! bum! E agora até já, que vamos lá dentro, (não confundir com o celebre *á bacia* da revista *Sol e Sombra*) collocar mais gentilmente a peruca e dar um pouco mais de vermelhão no nariz. Prepara-te pois amigo, auxilia-nos um pouco n'esta obra de risonha demolição. E toca n'estes ossos, incha essas bochechas.

.....
Pode a orchestra tocar o hymno!...

P. S. — Se promettem conservar-se n'essa posição sem se mecherem mandamos tirar-lhes uma photographia.



Na junta do credito publico:
— V. Ex.^a póde receber-me?
— Ora essa... pois se isto é junta... eu sósinha não faço nada
— Muito bem. Ora eu desejava pagar ..
— Ora essa, pois se isto é credito como quer V. Ex.^a pagar ..
— Ah! muito obrigado, mas eu desejava ainda, visto que isto é publico...

— Perdão... perdão. Quanto a esse particular V. Ex.^a está enganado. Isto é publico quanto aos homens, mas com as mulheres recolhe á privada.

Na arcada:
— Então v. só me engraxou uma bota?
— Sim senhor...
— Ora engraxe lá a outra...

— Ná... o senhor não póde accumular...

— Então... cursos livres...
— Qual livres?... Mudámos apenas de continuo... e para peor. D'antes, quando eu faltava, o continuo marcava a falta. Agora meu pae vae vêr se eu faltei. Se não estou lá, apenas me encontra, marca-me cinco faltas na cara. Peor.



DEPOIS DA REVOLUÇÃO — Policia desarmada:

FADISTA — O' sr. guarda, acuda-me que me deram uma facada.

GUARDA — Eu?... Estás a vêr!... Outro .. outro que eu cá'estou desarmado!

Ditos d'outros & Graça grossa

É espantosa a actividade do sr. ministro dos estrangeiros. Como no tempo do velho regimen, no tempo



em que Christo andava pelo mundo e lhe segredava coisas ao ou ido, elle continua a fazer palestras, conferencias e discursos pelos centros. Faz recepções do corpo diplomatico, entregando-se-lhes de corpo e alma. Trata dos intestinos e das intestinas coisas do Interior. Recebe cumprimentos de fóra... para dentro e dá cumprimentos de dentro... para fóra. E dito isto, ainda lhe sobeja tempo para dar e vender... manteiga de Paredes de Coura.

* O serafico e fradesco Pinheiro Torres na *Palavra*, em palavreado incendiario que até cheira a chamusco, escreve artigos bellicos e revoltosos contra a Republica. Com a de-

vida venia ao snr. Campos Junior, julgamos que lhe não irá mal o *sobriquet de Guerreiro*... e monge.

* O senhor Brito Camacho, illustre ministro do Fomento, andando a visitar o seu ministerio, viu riquissimos mobiliarios, nos gabinetes dos directores geraes; nos archivos viu, camadas de poeira e teias de aranha aos milhões. Voltando-se para o Carlos Calixto, disse-lhe: — Tanto luxo e tanto lixo! Com o luxo acabo eu, agora com o lixo, francamente, não tenho coragem para isso.

* Com acerto alguns collegas humoristas viram nos *cassetetes* da policia, certos cilicios de borracha, com que as madres do Quelhas, á sexta feira castigavam a carne. Ora os srs. Euzebio Leão e major Silveira, não sabendo que emprego... publico haviam de dar a semelhantes *trastes*, pensaram e muito bem, que, o que serviu á carne no corpo das madres pôde muito bem, agora servir de peixe... espada no *corpo* da policia.

* A *Relação acordou*: tarde e espreguiçando-se, não deu provimento ao processo do dictador, devido a tratar-se de João Franco e d'uma má *pronuncia*... beirá.

* Eco da Revolução.

1.º Heroe — Quando estive na Rotunda vi coisas de impressionar, mas houve uma, sobretudo, que me deu muito no goto.

2.º Heroe — A valentia do Machado dos Santos?

— Não, o fumo da artilharia, estava sempre a tossir.

* Entre duas velhotas:

— Então, tia Rosa, com quem fugiu a sua filha?

— Com um rapaz que andava atrás d'ell a fazer-lhe frente.

— Coitada de quem é mãe! A minha é uma santa, é modelo...

— De virtudes?

— Não, modelo nú.

* Cumulo.

Do folego. — Com um sopro apagar a chamma d'uma paixão.



C. S.

Da Monarchia á Republica

I

ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA



Medico e ministro do interior. O interior da gente e o interior da nação. A eloquencia e a ordem. E se não houver ordem ha no Carmo o *zaz* e o *zaz* traz Paz.

Mario Monteiro

O illustre escriptor, sr. dr. Mario Monteiro, teve em scena no Rua dos Condes uma peça historica intitulada *5 de Outubro*. Tem tambem em ensaios outra peça de actualidade, *Na Rotunda, num cavallo branco*, e prepara outra — *A cheia de 1910* — que destina aos theatros do Brazil.

Segundo nos informam, trabalha tambem o activo litterato, n'uma comedia de costumes que se chamará — *As syndicancias*, além d'outra *Os serviços da bene-merita instituição da Cruz Vermelha*.

Que nunca as mãos lhe dôam para escrever.

ALVIÇARAS

BOM-SENÇO

Perdeu-se na *Relação* de Lisboa. Dão-se de alviçaras a quem o encontrar e entregar aos integerrimos juizes... um anno de cadeia, ou na alternativa, dois mezes de cadeia e uma passagem para Gôa.

MULHERES

Foram admittidas na junta do credito publico como empregadas. Achamos bem e achamos mal. Bem quanto a junta... mal quanto a credito... optimo quanto a publico.

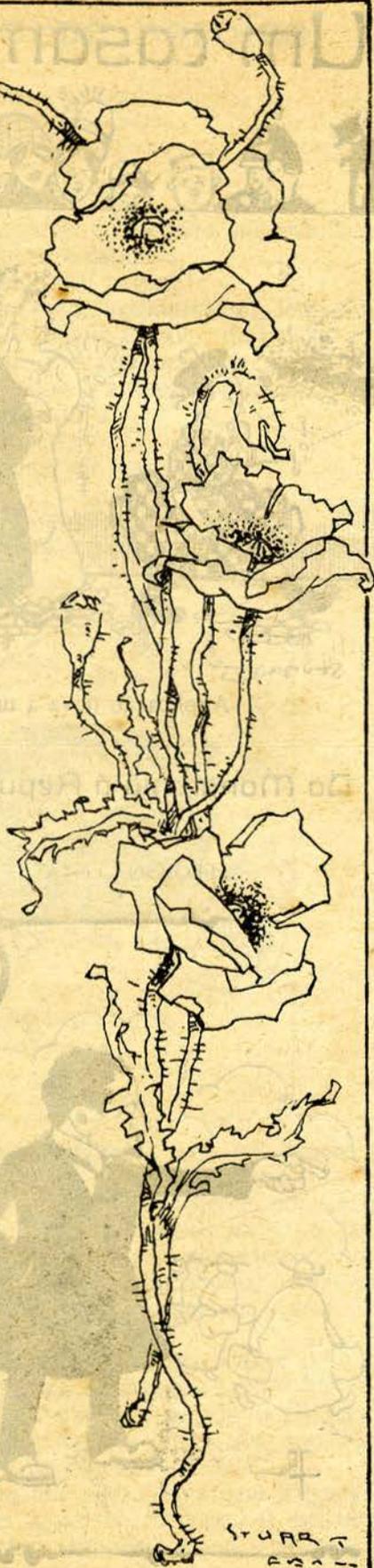
① Amor

No recanto dourado d'uma sala,
 Commovido, eloquenti, seductor,
 Fala-lhe da paixão que o avassalla:
 Descrevi-a, pinia-a com tamanho ardor,
 Com tal febre lhe fala,
 N'uma expressão tão poderosa e intensa,
 Que a noiva, palpitante de rubor,
 N'um êxtase, suspensa,
 Olha-o, sorrindo, longamente, e pensa:
 — "Pois é tudo isto, o amor!"

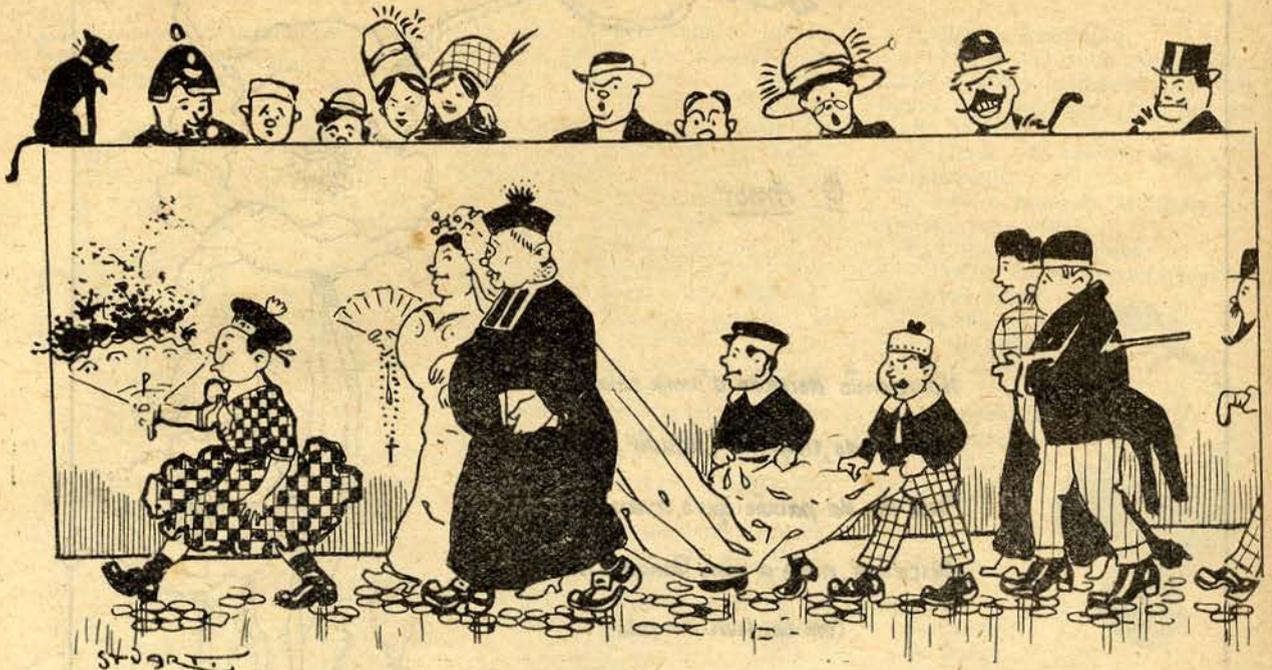
Casam, por fim. Na alcôva perfumada,
 Impetuoso, bruta, dominador,
 Cinge-a nos braços, toira e delicada,
 Tão bestialmente como um cavador
 Agarra n'uma enxada:
 E a pobre noiva, na revolta immensa
 De todo o seu pudor,
 Devorando com lagrimas a offensa,
 Desiludida, tristemente, pensa:
 — "Pois é só isto o amor!"

(inédito)

Julio Damás



Um casamento de sachristia

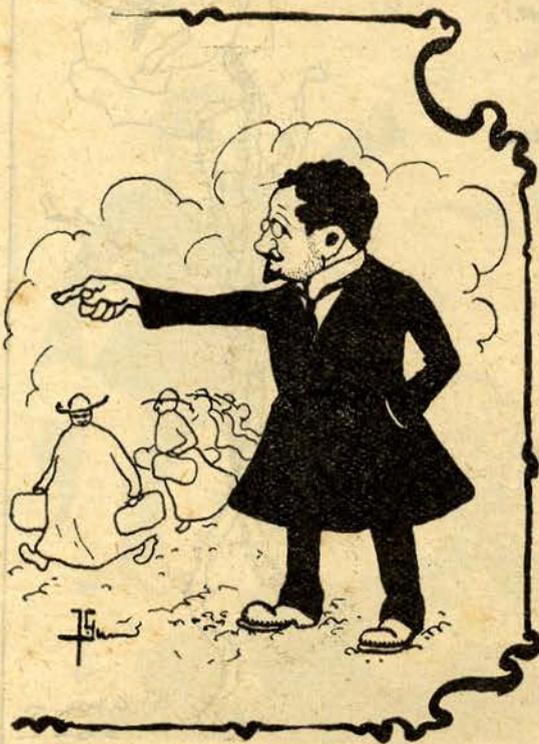


Aplicação nova a um ditado velho: — Lá os fazem lá os baptismam

Da Monarchia á Republica

II

AFFONSO COSTA



O Pombal do Terreiro do Paço. Advogado e ministro da justiça.

— Oh! não insulteis jámais os jesuitas que tombam!

O amor...

Por entre esfusiante animação,
Da Assembleia na sala do bilhar,
Todos á uma desejavam dar
Do amor original definição...

O boticario disse, a casquinar
Um risinho amarello, que «a questão
Era grave, difficil de estudar;
Processo de intrincada solução!»

Pediu-se o parecer do del gado,
Que fitou o auditorio, desdenhoso,
E logo respondeu, impertigado:

«Entranto d'este pleito na devassa,
Sou breve em meu juizo justiceiro,
— O amor .. é uma papa de linhaça!»

DELFIN GUIMARÃES.

Um mal entendido

No paço das Necessidades. Entra um austriaco.
Procura qualquer coisa quando se encontra com o
Dr. Quim Martins que lhe pergunta:

— Quem é o Senhor?

— Kerausch.

— Se quero o quê?

— Kerausch.

— Ah... nada, não quero, não senhor ..

Legenda barbara d'um coupé heroico

A «Satira» no propozio de bem informar os seus leitores delegou um redactor ao encontro do coupé 44. São as suas impressões, ou antes as do coupé celebre, que vamos ouvir.

HA tempos que eu andava com vontade de entrevistar o *coupé* 44, mas todas as vezes que ia á cata do heroe, não o encontrava.

Depois já andava um tanto aborrecido pela maneira pouco attenciosa, como era recebido pelos outros trens. Quando me dirigia a algum e cortezmente lhe perguntava pelo 44, fazia-se lgnéz de horta... secca e respondia com secura, encolhendo os hombros:

—O *heroe* não está, anda em serviço.

Pedia-lhe desculpa de o ter importunado e ia-me desapontado.

Na indisposição com que me recebiam, com-

tos para o heroe. O cocheiro, julgando que o chamava, tocou a parelha:

— Prompto, meu freguez!

Fiquei perplexo; machinalmente, levei a mão ao coração, e depois ao bolso do collete, a vêr se o conteúdo chegava para uma corrida. Hesitei; não me atrevia a tomar logar em quem já tem logar na historia.

— Para onde bato?

Indeciso, disse ao acaso: — Para... para Alcantara.

O cocheiro olhou-me de soslaio.

— Esteja descansado, não ha novidade; de-



prehendi que andavam de ponta . . . e mola com o heroe. Era a inveja que os fazia fallar, perdão, que os fazia callar, porque a resposta era invariavelmente a mesma, laconica e azeda.

Descorçoado, já tinha resolvido mandar a entrevista ao diabo, quando a Providencia, pela mão de um aguaceiro, me guiou até junto do famigerado heroe. Eu, que costume recolher entre as dez e as onze, contra o meu habito... de Christo, ia n'essa noite para casa ás duas horas.

Apressado, atravessava o Camões, quando cahiu a chuvada. Ccrrri para o consulado do Brazil a pedir-lhe a protecção do seu humbral. A chuva desabava a potes. Arreliado, rogava pragas ao tempo, quando atravez das cordas de agua, lobrigo o famoso, o immortal 44. Senti uma commoção de alegria, tão grande, tão imensa como a que recebi no dia do fallecimento da minha sogra.

Afrontando o temporal, corri de braços aber-

pois abri a portinhola e cahi nos braços do *coupé*.

Não me atrevia a pisar o heroe, por isso levantei os pés, ficando com os joelhos á boca. Queria dirigir-lhe a palavra mas não encontrava termos dignos. Iamos no Calhariz, quando cobrei animo e, tirando o chapéu, lhe disse á queima roupa:

— O cidadão, na madrugada de 4 de outubro, mal pensava, ao descer a calçada dos Paulistas, que ia já a subir a calçada da Gloria?

O *coupé* sorriu, com um sorriso superior e affavelmente, retorquiu:

— Decerto que não. Estava bem longe de o suppor. Mas agora reparo, o senhor está de pé no ar. Não faça cerimonia, dê cá o pé.

Como o heroe tinha fallado no singular, estendi um.

— Dê cá o outro.

Obedeci. Sentia-me papagaio e satisfeito, re-

jubilando pela amabilidade do 44. Respirei, estava travado o dialogo e o *coupé* tambem, por que iam na descida. Contei-lhe que o tinha procurado algumas vezes e que os outros trens me recebiam mal.

— Sim, bem sei que não me veem com bons olhos, principalmente o 500, que é *torto* e muito *myope*.

— O cidadão sempre foi de aluguer?

— Não senhor, ha dez annos que assentei praça.

— Voluntariamente?

— Não, obrigado, pelas forças das circunstancias. Em tempos tive braço... na portinhola e trintanario na boleia. Arruinei-me...

— No jogo?

— Isso mesmo, arruinei-me no *jogo*... dianteiro.

— E o trazeiro?

— De saude, graças a Deus. Mas sou cardiaco, tenho uma lesão. Não ouve a pancada?

— Oiço, por signal que é *pancada alta*.

— E' pancada na mola... do eixo.

— Mas como arranjou isso?

— Amores mal corespondidos, uma paixão que tive por uma *americana*.

— A filha de algum rei do petroleo?

— Nunca lhe conheci o pae. Nova, pintada de fresco de um tom quente, acendeu-me a chamma ardente de uma devoradora paixão, que todo eu era fogo de amor.

— Que grande incendio!

— O quê, vê algum clarão?

— Não, quero eu dizer que o heroe, com esse fogo todo, devia ter a alma calcinada.

— Um perfeito carvão! A perfida enganou-me, trocou-me por um *mylord*.

— Não admira, as americanas tem a monomania das grandezas... e das altezas. Se o meu amigo fosse heroe n'esse tempo, o *mylord* não levava a dianteira.

— Isso sim, não era carro para duas parellhas.

— Não sei se reparou que já vamos na Esperança, e é tempo de derivarmos para o assumpto da minha entrevista. Se não lhe causa desgosto...

— Com todo o gosto.

— Diga-me o cidadão 44, não era carbonario, por isso não sabia nada da revolução?!

— Não senhor, não sabia nada. Tinha ouvido uns estalos, mas julguei que eram salvas de estylo. Estava o cocheiro a fazer contas... de cabeça e eu a deitar contas á vida de miserias que se leva n'este mundo, quando um continuo do outro... Mundo, d'aquelle que se publica na rua do dito, nos veiu dizer que era necessario ir buscar alguem ao pateo do Lencastre. Eu fiquei embaçado quando vi entrar um embaçado, que mandou bater para Alcantara. Como Lisboa é uma cidade bem vestida mas mal *calçada*, lá fomos aos solavancos até á Praça d'Armas... e varões assignalados.

— Isso é piada cá ao rapaz?

— Do escuro ouve-se bem claro em alta voz, voz de alto. Correm soldados de baioneta calada; fiquei enfiado...

— Nas baionetas?!

— Não senhor, de susto. Foi o baptismo das armas. O cocheiro voltou a parella e encaminhou-se para a rua do Tenente Valadim. Apesar de todo o meu sangue frio, parecia-me que não era puxado, que arrastado pelas ruas...

— Da amargura.

— Tirou-me a amargura da boca, tambem quando me não amarga, sabe-me a ferros velho. Mal tinhamos entrado na rampa, quando um grupo de paisanos e marujos nos disse: — Alto aqui... amadores do bom vinho. Parámos de repente. — Quem vive? bradaram ainda os do grupo. O cocheiro mais morto que vivo deu um viva á monarchia. Presenti que ia soar a hora fatal, suava por todos os póros, quando souo uma descarga. O cocheiro safou-se, e o passageiro *passou-se* para os meus agressores. Horriavel carnificina, o meu velho amigo, o cavallo da sella, cae, varado por uma balla, era um bom animal, um bom companheiro (o heroe teve um soluço) um grande caracter, não desfazendo.

— Muito obrigado.

— Ainda hoje o choro, bem sei que me deu alguns *coices*, mas a gente recebe tantos por este mundo de Christo... Emfim, na hora suprema tudo lhe perdoei.

— E o grandioso amigo como ficou?

— N'um estado lastimoso. Uma balla na *garganta*, duas na boca do estomago, outras duas nas lanternas, que são os meus olhos, e ainda uma outra que me vazou o olho de traz, vulgo o oculo.

— Safa, que horror!

— Não falando em mais dez, divididas pelo coração e mais miudezas.

— O corajoso heroe, não lhe fez frente?

— Estava desarmado, a lança quebrara-se no combate.

— E depois?

— Depois, para ali estive a perder sangue, abandonado, a gritar por soccorro, não podendo dar passada por ter na refrega perdido duas *rodas*.

— Em nickel?

— Não, de madeira, mas o que mais n.e rava era terem-me *matado o bicho*.

— Com aguardente?

— Não, a tiro; não lhe disse ha pouco que me havia morrido um cavallo?

— Agora comprehendendo. E, finalmente?

— Finalmente, fui apanhar ainda duas cargas de cavallaria e uma carga d'agua, que fiquei como um pinto.

E' toda a sua heroica aventura na noite da revolução?

— Sem lhe faltar uma virgula.

— Diga-me ainda outra coisa, e a subscrição para o heroe ser adquirido para um muzeu?

— Teem feito ouvidos de mercador. Imagine

que o apello foi de um miseravel vintem por cabeça; pois, até agora, moita... quatro vintens.

—Não desanime, olhe que já vão em doze vintens e meio.

—E meio?

—Sim, o meio é de uma creança. O heroe bem sabe que as creanças e militares sem gradação pagam meios preços.

—Tambem não me ralo, se a subscrição não me cobrir... com um muzeu, espero que as Constituintes me façam justiça.

—O illustre *coupé* está então com as suas ideias de passar á posteridade como um monumento nacional?

—Pudéra, tenho tanto direito a isso como a espada de D. Affonso Henriques, a pá da pa-deira de Aljubarrota e o coração de D. Pedro IV e quejandos objectos do uso domestico.

—Patrão, estamos chegados, disse de fóra a voz do cocheiro.

Fiquei arreliado com a novidade. Fiz as minhas despedidas ao *coupé* heroico, testemunhando-lhe toda a minha admiração pela sua interessante odyssêa. Em estylo de portaria, louvei-lhe a intrepidez e serenidade, dizendo-lhe adeus, apertei-lhe effusivamente o fecho da portinhola. Estive ainda uns momentos a vel-o desaparecer, dando-lhe então uma ultima *chapelada* em que ia todo o meu respeito pela sua bravura heroica.

Continuava a chover torrencialmente. Mettendo as mãos nas algibeiras e os pés ao caminho, cheguei a casa, de madrugada, depois de ter apanhado uma entrevista ao *coupé* heroico, uma constipação, umas calças e uma *ca-saca*... d'agua.

CARLOS SIMÕES.

INSTANTANEOS



VIVA A REPUBLICA!!!

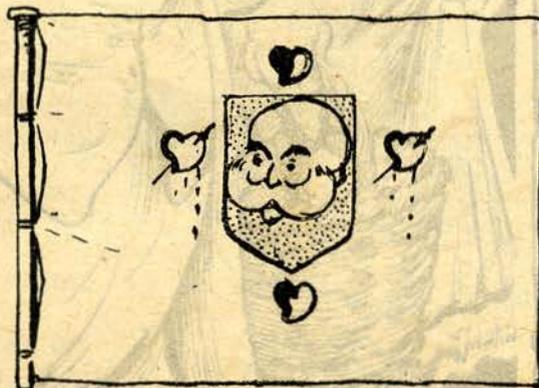
Viva a monarchia? Não. Viva a Republica? Tambem não. Então acredite V. que os que estão de cima são os mais fortes. Quem está de cima? Se é a Republica que viva a Republica.

A BANDEIRA DA MISERICORDIA... DIVINA

O Padre Eterno telegraphou ao altissimo poeta Guerra Junqueiro pedindo um projecto para a bandeira da misericordia divina.

Sabemos que Junqueiro enviou o projecto seguinte:

PROJECTO DE BANDEIRA NACIONAL



Em campo branco, symbolisando a candura, um escudo vermelho, dentro do qual floresce o sorriso pacificador do sr. Ministro dos Estrangeiros. No projecto primitivo parece que o lugar do sr. dr. Bernardino Machado era occupado por uma pomba branca, mas o poeta entendeu dever substitui-la, porque uma pomba não dava bem a ideia desejada.

AUTHENTICO

Certo empregado vendo no livro de ponto o seu nome com a nota *fallou*, escreveu por baixo: «Entreí ás 10 horas; esqueci-me de assignar».

Um trocista no dia seguinte escreveu: «Esteve todo o dia. Esqueceu-se de trabalhar».



CASAMENTO DOS PADRES De volta do registo de casamento... já com o trabalho feito.

Des. de J. Guerreiro.

Mascaras

I

Silva Pinto



POURTRAIT de Celso Herminio

QUE tambem é João Braz. Azedo, azedo e azedo. Grenha intonsa e annellada e puxa da direita... velho forçado das lettras. Sabe coisas!...

«Os outros, quando não são pulhas, são asnos, dizia-me o Camillo»...

E' birrento, móra na Travessa da Palmeira e embirra com os pregões. A preposito dos pregões botou episto'a... ao Governador Civil (1). «Meu caro amigo. Peço-te que envies pelo portador os meus oculos que ficaram sobre a tua secretaria. P. S. Podes mandar embora o portador pois que já encontrei os oculos.» O que fez lembrar aquella: «Só depois de ter deitado esta no correio me lembrou que lhe não tinha posto estampill'a.»

Nasceu em D. Maria em algum dia de vendaval. Foi educado nos Lazaristas e em Campolide nos Jesuitas.

Fez os *Combates e criticas e muchas cosas mas*. Dyscrasia, ver-rina & má lingua. Quando era novo foi terrivel. Alvorçoava plateas a tiro (2). Se não matou o Barnabé é porque a pistola era velha, perra e ferrugenta.

Foi ao Brazil comer uma bucha na escada do *Retiro Litterario Portuguez*. A' volta era «pessoa notavel» Não se riam que elle explica (3)...

Hoje é director da casa da Correccão. Se chega a haver uma casa da correccão para litteratos mettem n'ó lá, pela certa. E' relapso, incorrigivel e matreiro.

Tem um prosador: O Camillo. Tem um poeta: O Cezario. Quando falla d'elles dá vontade de a gente o descompor. Julga que foi elle que os inventou!...

Os seus azedumes são tão velhos como elle proprio (4), e não as poupa. Tomou respeito ao Camillo desde que lhe puchou as orelhas por elle não saber francez (5). Vae d'ahi, emendou-se. E ficou sendo o discípulo amado do mestre. «O Alberto... o aquelle... o Pimentel tambem quer ser. Como se a elle o mestre algum dia tivesse puchado as orelhas...»

Teve dinheiro e n'esse tempo o cocheiro chamava-lhe *Almeirante*. Hoje tem nome mas anda a pé, e chamam-lhe ra-bugento.

Já escreveu o seu ultimo livro. Tenciona publicar outro depois de morto e esse é com certeza... posthumo.

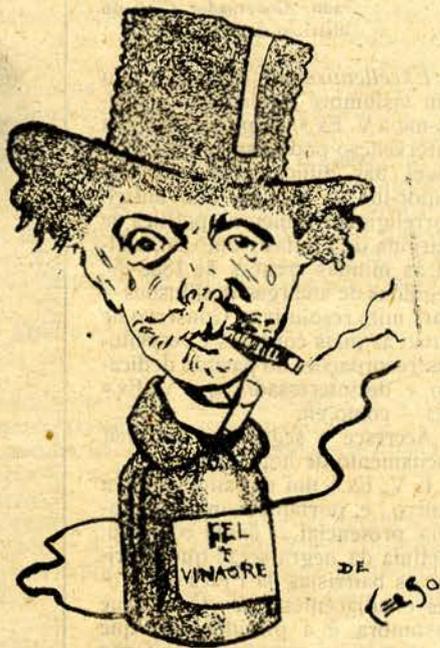
«Uma vez recebi uma carta de João de Deus. Dizia assim o poeta: (6)»

Sempre que pode impinge a historia. Publicou-a primeiro no *Pimpão*, depois na *Voz Publica* e na *Epocha*, depois em todos os jornaes do Universo. Não contente, contou-a a toda a gente que encontrava na rua. Contou-a aos seus não sei quantos mil leitores de Cerva e de Mondim. Contou-a nos *Combates e Criticas*; contou-a nas *Noites de Vigilia*. Se escotarem bem talvez a encontrem em mais tres ou quatro volumes. Não se admirem. E' velho sestro: Vem na *Revista Litteraria, Artística e Scientifica*, do *Seculo*, abril, 1906, n.º 187, artigo de C. Pacheco:

«A Teixeira de Vasconcellos, geralmente se attribue que comeu um rico peru, porque, dizia elle a um credor, estava tão pobre que não tinha meios de o sustentar!...»

«Esta anecdota teve larga publicidade,...

... no livro *Pela Vido Fóra* de Silva Pinto, a-pag. 3, no jornal *O Pimpão*, n.º 1672; pag. 2, com a assignatura de *João Braz*, pseudonymo de Silva Pinto, na correspondencia de Lisboa, d'este illustre escriptor, para a *Voz Publica*, do Porto, de 6 de agosto de 1897....»



CARICATURA de Celso Herminio

Dá-se um doce a quem lhe encontrar uma pagina que não diga mal do proximo. O proximo, porem, paga-lhe na mesma moeda. Diz que elle que se assôa aos dedos — o porco!

Os seus maiores amores são o Marius e a Sarah.

Pela *Vida Fóra* tem publicado 57 volumes e tem um *Riso Amarello* de quem está *N'este valle de lagrimas* de Palanque.

D'esses 57 volumes se lhe tirarem o Camillo ficam só 47; arranquem-lhe o Cezario e ficam só 37; risquem lhe a Sarah e não restarão mais do que 27. Desses 27, sete são para o Marius e os 20 restantes para os seus infortunios, para as partidas que lhe fizeram, os callos que cortou, a sucia que aturou, as enxaquecas que os bilontras lhe pregaram, «quando Eu isto, quando Eu aquillo», etc.

Querem saber como elle faz um livro? Principia por cortar dos jornaes bocadinhos preciosos. Põe-lhe depois por baixo uma sentença ou um commentario tambem precioso. Por exemplo:

«Chixa, chixa, chixa», ou então «raio de vida esta», «porca de vida» etc. Feito isto, reúne 4 historias que lhe contaram (quasi sempre quem aquillo lhe contou foi o Camillo) e põe por baixo: «Está certo!» Está feito o livro. São 200 paginas. 180 dos jornaes, 17 do que lhe contaram e d'elle 3 paginas fora o ante-rosto e rosto. Assigna e são quinhentos réis. Vende-se no Pereira.

E' bom sugeito, mas desconfiem d'elle. «Tem má cara para santo.» «Geito que lhe ficou de pequeno» (?). Tem uma grenha annellada, embranquecida já, e puxa da direita... velho forçado das lettras. E já não tem gosto ..

E' amargo. Sabe-lhe a bocca a ferros velhos. Mas quando é doce, — quando é doce oh! irrisão!? (doce, diz elle?) «deitem-lhe assucar pelas duvidas». Provem no depois. Se não fôr amargo — amargo como o fel, como a triaga, como as coisas amargas — então ó gentes — é que o falsificaram.

ALBINO FORJAZ DE SAMPAYO.

(1) LISBOA TERRIVEL

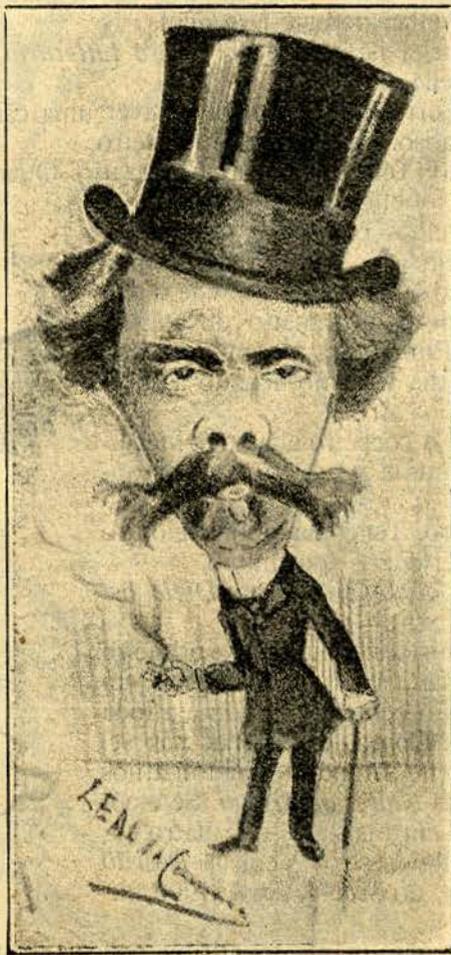
(Carta aberta ao Ex.^{mo} Sr
Conselheiro Eduardo Segurado,
Governador Civil do
districto de Lisboa).

Excellentissimo Senhor. — Sem um vislumbre de hesitação, dirijo-me a V. Ex.^a, implorando a sua intervenção poderosa e imprescindível nas difficuldades que vou expôr-lhe. É V. Ex.^a um antigo correligionario meu na politica de Barjona de Freitas: como tal, honra as minhas crenças de 1888-89, seguidas de amargas desillusões — para mim resolutivas. Conservo de então as mais cordeas e respeitossas recordações do partido dedicado e desinteressado, que V. Ex.^a era — como eu.

Accresce o seguinte, para meu incitamento de hoje.

É V. Ex.^a um morador do meu bairro, e, portanto, uma testemunha presencial e, ainda como eu, victimia da negra sorte que opprime os bairristas da Praça das Flores e adjacentes ruas. O que me assombra é a placidez com que V. Ex.^a tem supportado o *inferno* que eu me permittirei apresentar-lhe, por mim e pelos nossos visinhos companheiros de infortunio.

Não bastavam, porém, os *faclos* da camaradagem politica de V. Ex.^a, ha dezoito annos, e da sua residencia na rua de S. Marçal, visinha da travessa da Palmeira, para que eu me dirigisse de animo leve ao illustre magistrado superior do districto administrativo de Lisboa, a pedir-lhe fervorosamente auxilio. Ha sérias razões de ordem superior: — a primorosa fidalguia com que V. Ex.^a tem aco-



CARICATURA de Leal da Camara

lhido, mais de uma vez, como entidade official e como homem de coração, importunações minhas em favor de desventurados — ainda abaixo de mim.

Parecerá a muitos risonho o assumpto geral d'esta carta; mas o elevado criterio de V. Ex.^a não deixará de ver um conjuncto de pequeninas miserias de cada dia, sommando apoquentação tyrannica e repulsiva pela irresponsabilidade mental .. dos tyrannos.

Tarde me é licito *pegar no somno*. Meia noite e não findou o dia. E V. Ex.^a sabe o que é o trabalho de consulta, de investigação e deducção, desarrumando livros. Exhaustivo labor, principalmente quando nos opprimem alta noite, depois de outra sorte de trabalho de dia inteiro. Mas é indispensavel; já o disse Gautier:

Sur sont rone d'airain le Destin qui s'en raille
Imbibe leur épouge avec du fiel amer
Et la necessité les trod dans ses tenville

Não darei o triste exemplo dos queixumes. Se é assim a vida!

Liberto, emfim, de tarefa, proponho-me descansar. São duas horas da noite. As vezes a insomnia, que raro persegue os vaqueiros (eu já lhes fallo!) entretém até ás tres horas a minha desconsoladora vigilia. Adormeço emfim .. *Ahi estão elles!*

Cinco horas e meia. É noite escura. Acorda-se aos gritos terríveis de uns malaios, que parecem doidos ou entrados pela *matadella de bicho*. Apregoam nabos, nabicas, couve lombarda — o grandissimo diabo de legitimo inferno — ás 5 horas e meia da manhã, e tomaram á sua conta o bairro onde nós moramos — a Praça das Flores e ruas

adjacentes. Como doidos ou ebrios, berram furiosamente por aquellas ruas e travessas — das 5 e meia ás 8 horas. Ninguem mais dorue por aquelles sitios, e ha mesmo umas matronas assaz madrugadoras e bisbilhoteiras, que compram nabiças e grellos ás 5 horas e meia.

A's 6 horas recebem os maloios reforço. E' o dos vaqueiros, uivando, com sua bilha de agua para *temperar* o leite, com as mãos cheias de esterco — a mugir as vacas, muito besuntões e respingões, muito antipathicos! E ha tambem os vendilhões de carqueija, e os de cautellas: uma prelibação de todos os porcos horrores da condemnação eterna!

Pondera-me um vizinho, filho bastardo do *Accacio*, que toda aquella gente precisa de ganhar a vida. Tambem eu; e deixo descansar os outros. Não me despertam grande dó os parceiros que se deitam com as gallinhas e que me torturam logo de madrugada — berrando-me nabos saloios, cautellas e leite adulterado — *se pode ser*. Lá por isso, como diz o outro, tambem os que saem á estrada *luctam pela vida*. Sem offensa ás pessoas de bem.

Resumo, pedindo a v. ex.^a que tenha dó de nós todos, seus vizinhos e bem assim de todos os seus administrados de Lisboa. Como? Limitando a hora dos pregões: de taes a taes horas: fixando, por exemplo, as 7 e meia da manhã para principiarem os berros, prohibindo o berreiro exagerado e a paragem dos berradores. Isto sob

pena de multas, para estimular os vigilantes — que terão direito a uma parte d'ellas.

E já que estou no assumpto, ousarei lembrar-lhe outro ponto: — obrigar a uma *licença* pesada os donos de galos dentro de Lisboa. Tambem são horriveis despertadores!

E releve-me v. ex.^a esta importunação que será, n'este genero, a ultima.

De v. ex.^a
Resp.^{or} e cr.^o obg.^o
Silva Pinto.

7 nov. 1906.

P. S. — Entre a producção d'esta carta e a sua composição typographica decorreram 24 horas — de mau tempo. Esta manhã, enquanto eu estava no quente, chovia a cantaros em cima dos vendilhões supra, e eu disse a mim mesmo o seguinte:

A carta está escripta, — em cumprimento dos teus direitos e deveres de cidadão trabalhador, incommodado no seu descanso, e de jornalista a pedir á auctoridade providencias Mas como não tenhas coração de tigre e te commova o soffrimento d'aquella pobre gente, deixa publicar a carta e adiciona-lhe um *post scriptum*, pedindo ao illustre e bondoso destinatario d'ella — o que tu lá sabes. . .

O que tu peço a v. ex.^a é — que se esqueça do meu pedido de repressão. Não fallemos mais n'isso.

De v. ex.^a
S. P.

(Das *Novidades*, de 7 de Novembro de 1906).

(²)—«Alguns cavalheiros da sociedade portuense, meus adversarios nos dominios dos bastidores, deram-se a citar contra mim um dos homens mais valentes e desordeiros que eu tenho conhecido — Barnabé Pinto Xavier, de quem detidamente me occupo no meu livro *A queimar cartuxos*. Representava-se uma noite, não me recordo se em maio ou junho, de 1874, no theatro da Trindade do Porto, uma peça intitulada *O Shah em Pancas*. Estreava-se n'ella a actriz Josepha d'Oliveira, muito recommendada, de Lisboa, aos cavalheiros supra. Patee a recém-chegada impunemente, até ao momento em que Barnabé me intimou a suspender as manifestações. Disse-me o truculento homem: — «que me salvava n'aquella occasião d'um severo correctivo o meu nome litterario (onde se metterá o culto da Litteratura!), e como quer que elle brandisse um chicote, que já applicara a alguns espectadores inoffensivos, eu lembrei-me da existencia de um revolver em meu poder. Puxei pela arma homicida, e desfechei-a contra o valentão.

Levantou-se no theatro o inferno imaginavel — com desmaios, invectivas furiosas e fuga do maior numero de espectadores Reagi, de arma em punho, contra os agentes da ordem, que pretendiam apoderar-se de mim e que deram *parte* esmagadora da minha resistencia. Fiz entrega do revolver ao meu companheiro Borges d'Avellar e da minha pessoa á guarda municipal. Foi conduzido á erxovia do quartel do Carmo, onde ouvi os feitos d'um malandrim que me considerou collega. . . »

(*Noites de Vigilia* — 1896 — N.º 2 — Pag. 64).

(³) «Convidara-me o actor Phebo a almoçar com elle; cheguei á hora indicada; a meza estava posta e ia servir-se o almoço, quando a dona da casa foi accometida de uma colica. Grande azafama e o almoço adiado. Eu, esfaimado, perdido, apoderei-me d'um bocado de pão e fui comel-o para uma escada. Saboreava-o sem remorsos, quando, olhando para a humbreira da porta, vi os seguintes dizeres: «Retiro Litterarlo Portuguez».

Na escada do retiro um litterato portuguez devorando a côdea do outro. . .

Regressei a Portugal, em 3.^a, entre os inferiores desgraçados e com a passagem paga pela Caixa de Beneficencia Portugueza, — ignorado lance até hoje! Não me dei mal com os companheiros de piolheira, nem elles suspeitaram que o seu amigo de occasião, era uma *pessoa notavel*. Não se riam, que eu já explico. Foi ao chegarmos ao Lazareto que um *reporter* do *Diario de Noticias*, o sr. Eduardo Martins, me perguntou — se, afóra eu, vinha mais alguma pessoa notavel »

(*Noites de Vigilia* — 1896 — N.º 1 — pag. 22-23).

(⁴) «Careço de justificar azedumes, tão velhos como eu proprio — »

(Idem, idem — N.º 1 — pag. 9).

(⁵) Quem entende as galas dos classicos francezes, e as encontra condensadas no author dos *Contes Drolatiques*, ainda que lhe sóbre igual saber da linguagem portugueza, ha de ver-se em apuros para moldurar em estylo vernaculo as concisões, os idiotismos, a energia, o atticismo de Balzac.

Quem se afoutaria aos espinhos da empreitada? Um sujeito ignorantissimo de ambos os idiomas: o sr. Silva Pinto

E, sem mais delongas, vou provar-lh'o.»

Camillo Castello Branco.—(*Noites de insomnia* — N.º 3 Pag. 53 — 1874).

(6) JOÃO DE DEUS

(Continuado do n.º 8, pag. 274)

«Poucos dias antes de morrer, enviou-me elle, por um homemzinho, uma carta que dizia assim:

Esse homem é F., pae de familia, sem trabalho, isto é, sem pão para dar aos filhos; e é muito amigo d'elles. Como v. sabe o que é isto do soffrimento, e tenha relações *no mundo*, não lhe digo senão que ha uma boa obra a fazer. Cá fica ás suas ordens o seu amigo, etc.

Eu disse ao homemzinho:

— «Vou ver o que se arranja, e com a boa vontade que merecem os seus infortuniós e a intervenção do sr. João de Deus. E avisal-o-hei, a elle, do que se arranja.»

Foi-se o homemzinho (hão-de ver que não chegava a ser *um homem*.) Tres dias depois trabalhava eu n'uma redacção e surge-me o pretendente, a informar-se. Eu fiz-lhe observar que do resultado dos meus esforços daria conta immediata ao sr. João de Deus, e que escusava de incommodar-se, procurando-me. Cumprimentos, agradecimentos, e desce elle a escada, em direcção á rua. Machinalmente vou á janella, e vejo o homemzinho sair a porta, com outro cidadão, a quem dizia:

— «Isto é tudo a mesma sucia! tratam de si: é o que elles fazem. E anda uma pessoa para aqui intrujada.»

E o outro:

— «Tu não queres crêr que ha bruxas! E' uma caminhada. Vem d'ahi beber dois decilitros

E lá se foram».

(Noites de Vigilia — 1896 — N.º 9 — pag. 300.)

(7) «Hoje, não olho para os petiscos, porque já não tenho gosto. Olho apenas para os sujeitos que comem, ou que fazem por comer, e, porque ache assumpto para risota no processo dos comilões e dos gulosos, passo a vida a rir-me, — mas rio-m: por dentro, para não offender a vizinhança. Agora mesmo, estou eu rindo de você, e ninguém o ha-de dizer: pois não é assim?

— De certo. O amigo tem má cara para santo.

— E' um geito que me ficou de pequeno.»

(Noites de Vigilia — N.º 19 — Pag. 203.)

(Dialogo com o seu amigo Alberto, que elle conheceu pequenito.)

Na Rotunda...

MANUEL, o pequenino revolucionario, tinha uma alma déspota... Ha revolucionarios que são déspotas.

Desde que a artilharia reboou, apavorando a mamã, este homemzinho de calções não fez mais do que pular e cantar.

E quando o mano mais novo — um monarchico dos quatro costados, de geração expontanea, appareceu, reboando as perninhas gôrdas e chorando o reizinho, Manuel teve um gesto energico de pundonor, lançou um terrivel brado e amachucou-o sob um montão de sôccos!

Ainda, e sempre, os canhões troavam sinistramente; pelos corredores, em tropel, cabellos desgrenhados, as criadas iam e vinham arrepellando-se; a mamã, as manas, descompostas, estavam de joelhos e pediam misericordia.

E entretanto, soberbo e glorioso, no seu ginete — que era uma vassoura, Manuel tinha visões gigantescas de exercitos marchando á sua vóz, todo um povo de descalços e de sujeitos, que se enfileirava e armava, para derrotar outra creança, seu homonymo, que porventura áquella mesma hora tiritava de medo no regaço d'outra mamã...

Nunca o seu ardôr arrefeceu: e ao almôço, ao jantar, sempre achava um gôsto indizível em martyrisar o irmãosinho mais novo, esse monarchico, com beliscões, pontapés, aguilhoadas de garfo, coices expontaneos com o rabo atroz do cavallo...

Que então quando a mamã não fazia mais do que

«Uma vez recebi uma carta de João de Deus. Dizia assim o poeta:

— «O portador é o sr. F. — um trabalhador honrado e desempregado. Pedir a v. que se esforce por arranjar-lhe collocação é contar com ella. Desde já lh'a agradeço...»

Entrega-me o homem a carta, e eu digo-lhe:

— Vou responder ao sr. João de Deus.

Estava eu perto d'uma janella, que se abria por cima da porta da rua. Despediu-se o homem, desceu a escada, e, sem notar que eu naturalmente o via sair, dirigiu-se a outro individuo, que o esperava a dois passos da porta e disse-lhe:

— Vamos lá beber dois decilitros.

— E o gajo?

— E' tão bom este como o outro, que cá me mandou.

A mesma sucia!

E lá foram beber.

D'estes me dizia, muito amargo, Camillo Castello Branco:

— «Ha pessoas que tornam infame quem lhes faz bem.»

(Terceiro livro de *Combates e Criticas*
2.ª ed. 1907 — pag. 304.)



chorar, e o papá — o Dr Ventura Lobo — essa especie de conselheiro, estava para fóra, nem se sabia onde. Quem era o homem? quem o triumphador, senão elle, o velho republicano, desde o primeiro gemido, excepcionalmente nascido d'um ventre monarchico?

(Ha quem affirme que, n'este particular da politica, não ha diversidades ou excepções: que tudo vem do ventre e vae para o ventre; e eis tudo)

Já a madrugada clara de 5 d'outubro rompêra, envolta em sol e em fumo...

Pouco a pouco, á distancia, na explosão sangrenta da luz nascente, fôram morrendo, n'um echo suffocado, os ultimos trovões das peças; as espingardas fizeram silencio.

Foguêes subiram no ar.

A Republica triumphara...

E foi quando, olheirento e placido, ainda tremulo, ainda anciano, como quem vem d'uma noite extenuante de volupia, d'uma noite fóra de casa, o Dr. Ventura surgiu, cofiando dois pêllos rebeldes do bigode, para alentar a familia.

E se não viera mais cêdo, fóra — oh meu Deus! fóra... não! já não havia razão para susto, fóra...

— «orque estivera na Rotunda!

Então, o pequenino revolucionario, o terrivel Manuel — esse que era um sincero, ergueu o rosto, olhos cravados nas olheiras nêgras de seu pae, e lançou uma risada nervosa, estridente de verdade:

— Ah! Ah! oh papá, qual Rotunda? a Joanna? a que foi nossa criada?

NOBRE DE MELLO.

EM FLACANTE

NA PRAIA



QUANDO ella surgiu na praia, n'aquella manhã de setembro, com a sua grande *echarpe* branca ao vento, gloriosa no seu vestido de molde inglez, toda a gente, deslumbrada, a seguiu com o olhar.

Quem é? quem será? perguntaram todos. E os olhos dos rapazes iam pregados n'aquelle vestido branco sem uma prega, deixando adivinhar maravilhas.

Vendo-se admirada, orgulhosa da sua belleza, disse em bom hespanhol para as outras que a acompanhavam:

—Se diria que me dá verguenza...

E teve um sorriso de accentuada ironia.

Pouco depois o meu amigo Lopes dizia-me radiante:

—E' hespanhola e dá-me immensa sorte. E' minha. E levantando o dedo no ar, n'um largo gesto de triumpho, clamou:

—Ah! immensa sorte! E' fatalmente casada, e o marido deve ter ficado em Hespanha. Optimo. Nem o tiro vingador terei a recear. Bravo Lopes, dizia elle, espalmando as mãos sobre o proprio peito, como quem sente a felicidade lá dentro.

E em toda aquella manhã, o Lopes, radiante não fez mais do que acompanhar-lhe todos os movimentos, e vir, de espaço a espaço, dizer-me d'aquella alegria suprema:

—Minha! E' minha, ha-de se-lo por força!

E casada... que te parece?... Desafogava, e lá ia novamente a traz d'ella.

D'uma das vezes perguntei-lhe:

—Mas como sabes tu que ella é casada?

—Ora essa, replicou o Lopes, então não vês?

Tem todo o ar, toda a linha de casada.

No dia seguinte apparece-me o Lopes cabisbaixo, desalentado, como

quem vem de enterro de familia.

—Que é isso Lopes, que tens tu?

Ergueu para mim um olhar furioso, e com voz profunda, melodramatico, trovejou:

—E' solteira e dá attenção a mais sete, o raio da hespanhola; e, deixando cahir pesadamente a cabeça sobre o peito, ficou em frente a mim immovel, vencido, aniquillado.

De subito levantou a cabeça, e batendo uma palmada forte sobre o coração, bradou:

Está quieto leão...

Disse-me adeus e partiu apressadamente.

Pela manhã do outro dia vi-o chegar á praia, glorioso como o sol que já ia alto, claro e luminoso.

—Então, Lopes?...

—Ah! Vou vingar-me. E tirando do bolso uma carta fechada n'um envelope com signal heraldico estendeu-m'a na mão:

Vês. Aqui tens o instrumento da minha vingança.

—Insulta-la? perguntei.

—Não. Verás. Vou entregar-lhe esta carta.

—E' essa a tua vingança?

—Sim, é a minha vingança.

Eu quiz ler a carta mas o Lopes não consentiu. Estava já fechada. N'isto vejo-a surgir por entre as barracas, no meio de duas companheiras, com o seu vestido branco, sem uma prega, deixando adivinhar maravilhas.

Sentaram-se debaixo d'um toldo, muito perto do mar, que vinha manso beijar-lhe quasi a ponta dos sapatos claros.

O Lopes tomou posição e passou-lhe a carta com certo recato, mas não sem que risadas crystalinas e indiscretas sublinhassem o arrojado.

Emquanto ella rasgava o sobrescrito com a ponta rosada dos seus dedos finos, as outras debruçavam-se-lhe sobre o collo, preparando-se para lerem tambem.

Era mais uma declaração apaixonada, que, com outras muitas, havia de fazer o assombro da Hespanha. Era mais uma prova do successo da sua belleza para esmagar rivaes antigas no seu paiz.



As tres leram a carta, e, enquanto as outras duas riam estridentemente, ella empallidecia assustadoramente, como se a sua pelle absorvesse a pallidez do seu vestido branco sem uma prega, deixando adivinhar maravilhas.

E os seus olhos negros cravaram-se na areia para não se levantarem mais, n'aquella meia hora que o Lopes alli esteve commigo, gosando, saboreando o prazer dos deuses

Por fim, o Lopes tirou da carteira a copia da carta fatal e deu-m'a.

—Lê.

A carta dizia apenas isto :

Señorita

Perdoneme usted ter-la seguido com tanta insistencia, pero yo, mui innocentemente pensava que usted era casada.

I Lopes.

ALFREDO FRANÇA.



De visita:

Está em Lisboa o rosado Xavier de Carvalho, e cada vez mais vermelho. E chamavam-lhe azul e branco. O Xavier . . .

Da Monarchia á Republica

III

BRITO CAMACHO



Medico e jornalista Fundou a *Lucta* e só para ella vive. Para grêves graves tem graves soluções. Ironia e artigos de escacha.

A LIÇÃO DE ASTRONOMIA

(Imitação do hespanhol)

Da costumada faina descansando á noite, sobre a palha da paveia, com profunda attenção a lua cheia estavam dois saloios contemplando.

E vai um: — Ouve cá, será verdade que a lua tem pessoas, com'a terra?

— Palonso! Isso é patranha que nos ferra a mim e a ti a gente da cidade.

Com cara com'a nossa, e de bochêchas já eu a vi pintada muita vez; núa tambem a vi, e agora a vês assim c'um ar a modos de laméchas...

Cá no meu *balisar*, bem que me afoite a botar disparate, ou ser peccado, a lua é um sol já velho e desbotado por isso Deus a usa só de noite...

— Mas gente, haverá lá! — Gente na lua? Olha, cheia talvez... — E' boa ideia! Mas se ha pessoas lá quando está cheia, onde se vão metter quando mingúa?

Pasma o outro, applaudindo: — Essas razões não n'as dava melhor o proprio abbade! Tu devias andar na *Ubrecidade* ou quer que é, em Coimbra, a dar lições!

— Falas que nem um prégador na'greja! Mas são tão brutos, que s'eu lá appar'cesse, punham-me fóra a páu, mortos de inveja, que ninguem neste mundo se conhece!

Disseram, e calaram-se. De geito por entre o feixe de palha se metteram e ambos santamente adormeceram um, instruido, o outro satisfeito.

M. CARDOSO MARTHA.

O ESTYLO... MANUELINEO

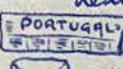


 Meu caro 

 Forçado pelas circunstancias, vejo-me obrigado a embarcar no  real

 Sou portuguez e  - hei sempre.

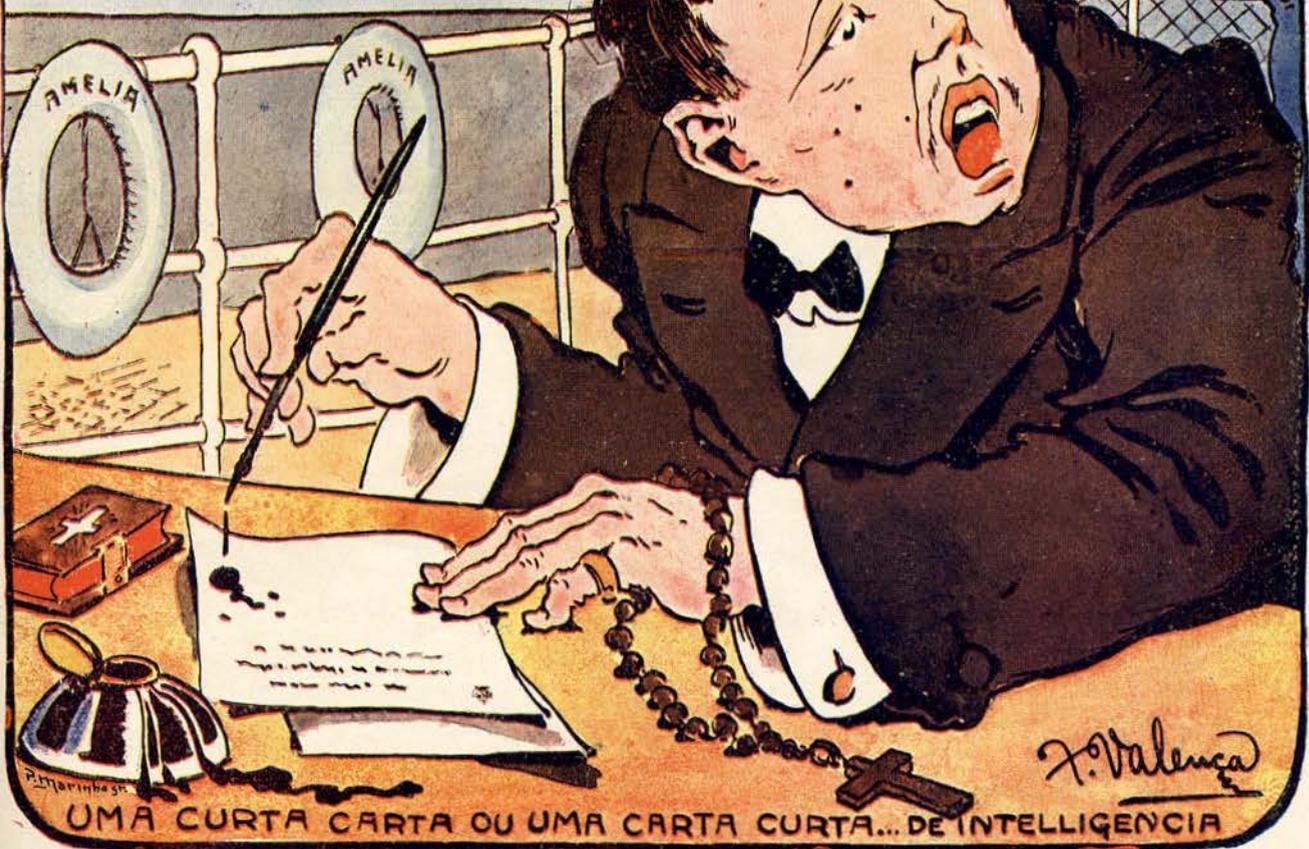
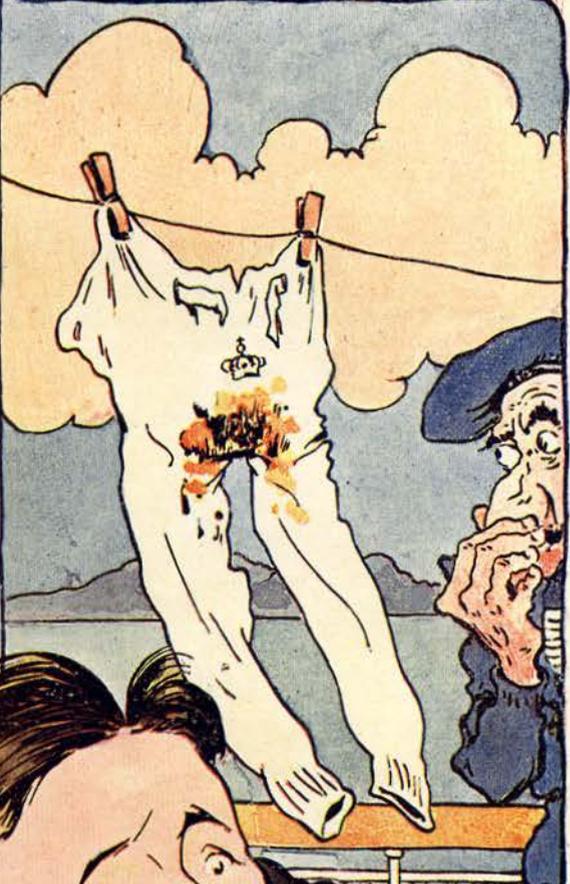
 Tenho a convicção de ter sempre cumprido o meu dever de Rei em todas as circunstancias e de ter posto o meu  e a minha vida ao serviço do meu país. Espero que elle, convicto dos meus  e da minha  dedicação, o saberá reconhecer

 Viva ... e o padre Mattos!

 Dê a esta  a publicidade que puder.

 Sempre muito affectuosamente

 Manuel



UMA CURTA CARTA OU UMA CARTA CURTA... DE INTELLIGENCIA

O ESTYLO MANUELINEO

Des. de Francisco Valença.

CONFERENCIAS



«Sua alteza Ravachol 1.º»

Os portugueses são muito comunicativos, de tal forma que a maioria d'elles, apesar da comunicação dos santos ser uma batata visto o Pae Theophilo ter dito que tudo isso era uma convenção, sentem a necessidade de dizer muitas coisas e ouvir outras muitas, excepto, quando fallam a um credor ou lhes pedem cinco tostões emprestados; de modo que á imagem e semelhança das grandes capitaes, importaram as conferencias como se importam os chapéus de inverno ou uma panacêa universal, que torna a humanidade sã e vigorosa e occorre a todas as necessidades do organismo, as pillulas Pink por exemplo. A conferencia foi uma receita milagrosa para os alfacinhas, que no tempo chuvoso olham raivosas o plumbeo céu, como diz o poeta, e as cordas d'agua, vendose impotentes, sem poder fallar na sala nobre de D. Pedro IV, vulgo Rocio, (não sei se já lhe mudaram o nome), ou no corredor da Rua do Ouro, com as amigas, com o Agostinho, com o gracioso Raul, primo cadete. e outros manebos que

vão polindo o asfalto das ruas da Baixa, até á Província, quer dizer até á Rua das Pretas, como muito bem affirma o sr. André Brun.

Deu esta phrase em resultado, diga-se de passagem, que as meninas das Avenidas Novas e dos Pincairos do Castello e Caracol da Penha, julgando que as achavam dignas de homens de varapau, se reuniram para dar uma sova de pau no juvenil escriptor, por acharem a vara doce de mais.

Agora com a conferencia fia mais fino. Já ha um motivo para as meninas sahirem, arriscando a toilette e o chapéu «dernier cri» ou antes «dernier berro», tão descommunal é, ás inclemencias do tempo que as fustiga. E apesar do papá, que em virtude da lei das accumulacões só accumula algodão nas algibeiras, lhes dizer que vão estragar os fatinhos, ellas respondem mui lampeiras: «Olhe, papá, com certeza, que não é ficando em casa a olhar pelo arroz e cosido á portugueza, que se ha-de intellectualisar a mulher. Nós ainda vemos de ir fallar ao Briand, como a Madame Pell' tier fallou ao Pae Theophilo.» E lá vão saltitando ao animatographo ou ao theatro, pela tardinha, ouvir o conceituoso humorista que as delicia desopilando-lhes a figadeira e outras miudezas

Um sujeito de bigodes e olhos de bul dog, clama contra a opacidade de um «voilà-mon mari» que o não deixa ver os gestos do conferente, e em regougar de rapesa protesta contra a opacidade que o domina. O Carlinhos, que está dizendo coisas á Fifi, coisas que já se vê eu não posso explicar, volta-se petulante: «O senhor ouve com os olhos e come com a testa?»

O sujeito de olhos de bul-dog:

«Comer, come você duas peras!»

E o Carlinhos em vista da ameaça engole as peras como o Adão da Biblia enguliu a maçã.

Mais adeante um estudante de physica, cujo physico e intelligencia são pauperrimas por signal, reclama perante as Pires, um raio X para poder ver atravez os passaros dos chapéus d'ellas, que esvoaçam por cima da copa, á altura dos arcos das Aguas Livres.

Escusamos de ir comparar com a torre Eifel, visto termos no nosso pais coisas muito mais grandiosas. E o pae das Pires, já furioso, porque sabe que o impagavel menino è tão republicano que nem corôas tem nas algibeiras, deseja um raio que parta o jovem prodigio. As Souzas, lastimam que o Papá, manga d'alpaca, se amole todos os dias até ás 4 horas na repartição, e uma piada feliz do conferente faz rir a numerosa assistencia.

No entretanto o Dr. Y, rapaz que deixou ha pouco tempo a escola medica e a mesa da anatomia, affir-



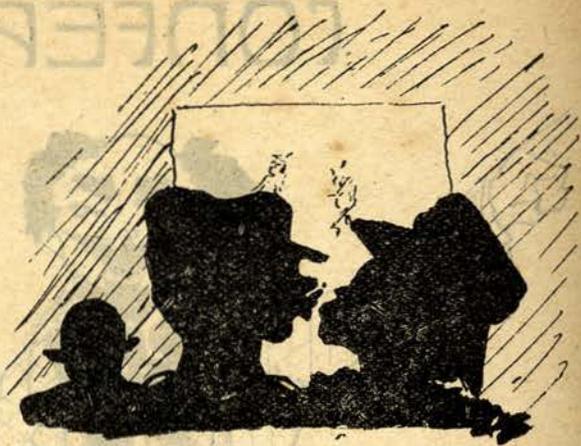
A mais celebre chiromante

ma a um grupo de raparigas, finas e diaphanas, que amanhã também faz uma conferencia.

Ellas: « O quê, o sr. dr., também faz conferencias?! »

Elle: « Sim, minhas senhoras, com mais dois collegas meus, para vermos a melhor fórma de extrahir-mos o intestino grosso e o baço á baroneza.

A fita animatographica, vae correndo na vertigem d'um expresso; um alferes de cavallaria separa-se num beijo collado e lento, da sua Dulcinea, e os olhos d'uma franzina muito meiga, humedecem se ao pensar no namorado, alferes também de cavallaria, que lhe affirmou outro dia, ser o melhor colla tudo, um beijo da bocca d'ella. E a proposito da conferencia, lembra se de ir conferenciar com madame Brouillard, que adivinhou a queda do 2.º Imperio. Com certeza, se a tal madame, adivinhou a queda do Imperio, ha-de adivinhar a queda do alferes para ella, que é uma coisa muito mais pequena. . Na rua, á porta, o Chico da Blusa, conferenciando com um agente da Policia Civica, depois de ter applicado dois tentos num menino de côco á estroina que fumava charuto: «Oh! Sôr Polica, eu retiro os flatibaques que arrumei áquelle paspalho, para não pôr difficuldades á marcha regeneradora do Governo.» E enquanto se realiza a conferencia, conferenciam



N'um beijo collado e lento



A conferencia familiar



Conferencia d'ordem

os ministros, os negociantes por grosso, os que vendem a retalho, os que fazem grêve, os que não fazem grêve, os altos, os baixos, os gordos, os magros, os novos, os velhos, emfim a «Conferencio-mania».

LUNA OLEIRA.

FARDAMENTOS

Consta que pela reforma dos fardamentos do exercito serão introduzidas peliças nos capotes dos officiaes.

Sendo assim ha-de dar-se muitas vezes este dialogo:

O major para a mulher — O' filha, emprestas-me hoje o teu bicho?

A mulher — Não, meu amigo. Parecia mal Já está muito coçado.

Salão d'arte

A *Satira* convida todos os pintores e esculptores portuguezes a concorrer ao seu salão d'arte — Exposição permanente annexa á redacção.



Um direito que se ia entortando: — O Direito de grêve.

ARMA INUTIL

A Satyra, essa espada de dous gumes,
caindo, fira e intemerata, a fundo,
na lepra dos costumes,
nas vaidades do mundo,
passou á historia, decididamente,
enferrujou, á mingua de trabalho!
nesta epocha presente,
não ha vaidade, vicio, lepra. Em summa:
carne pôdre — nenhuma,
a não ser n'algum talho
que o dominio insistente
do Codigo sacóde...

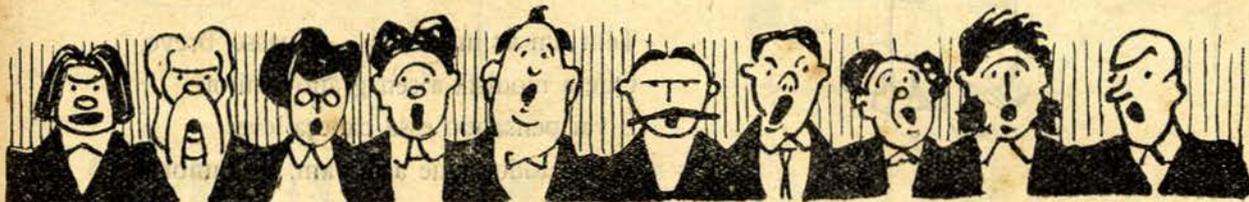


E', pois, convicção minha
que a Satyra não pôde
resurgir da bainha.

Juvenal, queres acaso, oh alma rude,
Fazer correr o sangue da virtude?

MANUEL DE MOURA.

A PORTUGUEZA



Heroes do mar...

CONFERENCIA

O Padre Mattos faz no domingo proximo
uma conferencia humoristica no Salão da Trin-
dade. O thema será: «O amor sem oculos, em
Badajoz.»

Da Monarchia á Republica

IV

BERNARDINO MACHADO



Ministerio dos Estrangeiros. Deixae vir a mim os pe-
queninos.

PADRE MATTOS

O Padre Mattos veiu para Portugal a con-
selho do Bispo de Beja, que lhe disse: — Se V.
quer adherir vá para lá. De longe não se ad-
here.

Furor de reportagem

Sua magestade o sr. D. Manuel II esteve no
dia 20 de dezembro no palacio das necessida-
des de Hood-Norton, assistindo a um serviço.
não religioso... sem ajuda.

(D'um jornal monarchico)

Efeitos d'uma galha

Um jornal dava a noticia da partida do con-
selheiro Alpoim para a Rêde, da seguinte fór-
ma:

«O Senhor Conselheiro José Maria d'Alpoim
foi a solar á Rede. Esta galha fez com que o
sr. José Luciano dissesse: — Não teria elle ido
a gaspear de vermelho... e verde?!...»



Como ella se vê

Commentario d'elles :

- Se lhe cahir o chapéu
Arraza a terra, coitada!
- Uma cara assim pintada,
E não saber pôr um véu!
- Nota como o fato accusa
A sua fórma animal...
- Já vi. Acho natural...
- E' que é de raça Andaluza.
- O passo, vê, que tortura
A moda ás vezes impõe!
- De todos quantos dispõe
Transforma em caricatura.
- Não tem vantagem...

— Subida!

Por bem que finja a mulher
Dá-nos a justa medida
Do tino que ella tiver.

MARIA O'NEILL.



Victima

da Moda

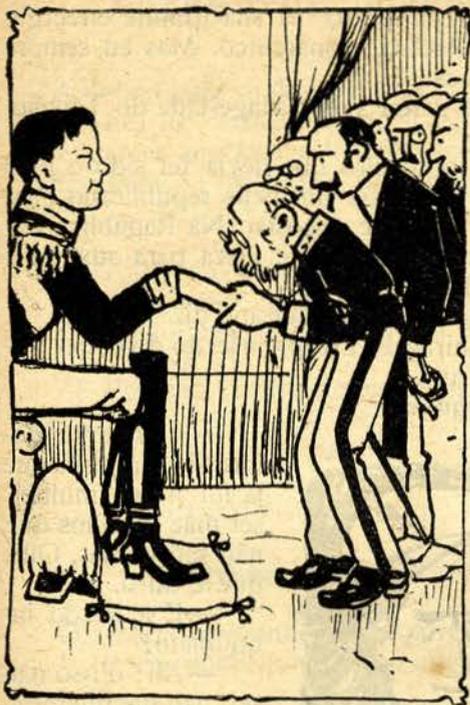
Todos notam com dó, quando ella passa,
A curiosa figura em que se poz:
Crème Simon, carmim e pó d'arroz;
Olheira falsa por lhe dar mais graça!

Vai contente de si e da elegancia
Com que a despe um vestido da Gandon.
Atravez da vidraça do *lorgnon*
Olha os homens com arte e petulancia.

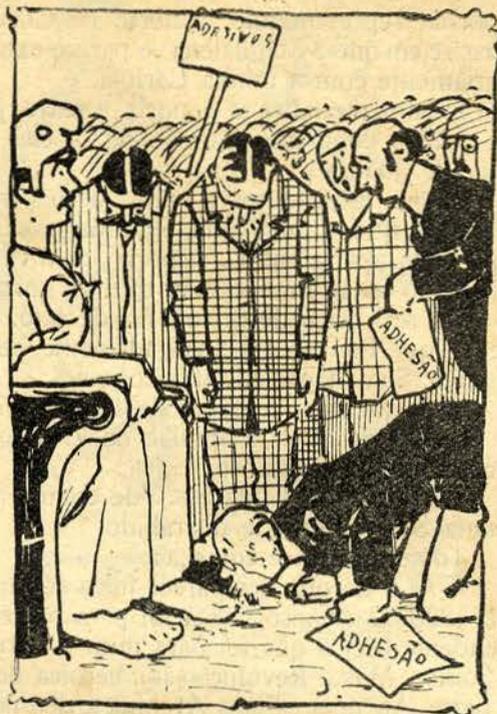
Tem um ar imperial... o passo breve,
Que a modista a seu grado limitou:
E vai pensando essa cabeça leve,
Que a todos, que a fitaram, deslumbrou!



Como elles a vêem



ANTES
E
DEPOIS



ENTREVISTA COM O SENHOR D. JOÃO VI

EM

S. VICENTE DE FÓRA

No louvável intuito de esclarecer os nossos leitores acerca da attitude dos nossos reis perante a mudança de instituições, dirigimo-nos hontem a S. Vicente-de fóra, onde móra actualmente o senhor D. João VI, rei que foi de boa memoria e boa banha

O policia que estava á porta inqueriu da nossa identidade. Mostrámos o nosso bilhete da dita e subimos. O sacristão, na sua batina elegante, mandou-nos entrar para uma vasta sala forrada de vermelho, onde Sua Magestade nos receberia. E' uma bella sala, de jahellas amplas, mas onde a luz penetra a custo e se reflecte mal, porque os reposteiros a velam, e os froixos raios que conseguem entrar vão morrer sobre o tom mate das tapeçarias que ornamentam as paredes.

O sacristão, que foi lá dentro annunciar-nos, volta, e convida-nos a passar á sala dos quadros de Nuno Gonçalves, porque Sua Magestade não gosta de receber n'aquella sala. Embirra com o vermelho, explica elle.

Nas paredes ha dois Velasquez e um Murillo grande, e ao lado da porta, no seu ar de innocencia offendida, aquella graciosa figurinha do quadro de Greuze — O vaso partido, talvez alli, quem sabe, por piedosa intenção da virtuosa esposa de Sua Magestade, a Senhora D. Carlota Joaquina.

Sobre uma credencia, e debaixo d'um valioso relógio italiano em marmore e cristal, uma perna de frango resequida espreita curiosa.

No chão ha dois pingos de steariana.

Um vidro da janella ampla está partido em dois logares, tomando as fendas a fórma pittoresca d'um J. C., o que fez com que o meu antigo professor, doutor Assis, chegasse á conclusão de que não fóra partido por acaso. Que aquillo queria fatalmente dizer João VI. Todavia parece-me que foi Sua Magestade quem involuntariamente o partiu. Sobre um



O Senhor D. João VI

leito de repouso — um coiro antigo — abre-se um livro. E' a «Arte de bem cavalgar toda a cella», dentro do qual encontramos uma estampa da

epocha, representando a morte de Christo na Cruz, e em que a Magdalena se parece extraordinariamente com a rainha Carlota.

Finalmente, abre-se a porta e entra, gordo, ás dobras como um montão de tapetes, o Senhor D. João VI.

Lhano, estende-nos a mão, que não apertamos, porque a mão que Sua Magestade nos apresenta aperta outra... de porco, com vestígios ainda do feijão branco com que foi guizada.

Do real beijo desce um fio de baba alvincente, que lhe escorre socegradamente pelo abdomen. Sua Magestade interroga-nos:

— A que devo a honra da sua visita?

— Queria ouvir a opinião de V. Magestade ácerca do 5 de outubro.

— Da melhor vontade... de comer, acrescenta Sua Magestade distraído.

Tosse, escarra e começa:

— O 5 de outubro parece-me a continuação de 1820. O Affonso Costa foi para o meu descendente (sic) o que foi para mim o Fernandes Thomaz. Mas a Revolução foi heroica de parte a parte. Até uma casa na Avenida ardeu no calor do entusiasmo.

— Vossa Magestade póde dizer-me alguma coisa da fuga da familia real?

— Lembra 1820. A rainha Amelia lembra perfeitamente a heroína que foi minha augusta esposa. Lá tiveram o seu Ramalhão em Mafra. Que elles fugiram... que nós fugimos... dil-

o França Borges no «Mundo», sim, porque eu leio o «Mundo» e sympathiso com elle. Mesmo as minhas ideias foram sempre avançadas. E' claro que nem sempre podia manifestar-me por questões de familia, mas até no dia 4, quando não se sabia ainda quem teria a victoria, eu quiz fazer a minha adhesão publica. Procurei o França Borges na Rotunda, no Arsenal, em Alcantara, a bordo, corri tudo e nunca o encontrei. Resolvi ir fallar ao Affonso. Vi-o n'um *coupé*, o 44 por signal. Chamei-o, gritei, mas o Affonso acho que ia deitar umas bombas na casa do Campos Henriques e não parou.

Que arrelia!

Decidi-me então pelo António José. Ninguém me sabia dar noticias d'elle. Creio que andava tão cheio de pó, de lama, de polvora, de dinamite que os camaradas da barricada nem o conheciam. Em ultimo caso o Alpoim servia. Esse estava em casa, mas (que gallinha a minha) não me recebeu. Estava de cama com um ataque de



— Cheira?

gotta... republicana na sua grande envergadura de estadista monarchico. Mas eu sempre fui republicano.

— Que pensa Vossa Magestade do Teixeira de Sousa?

— Foi o coveiro que devia ter sido o João Franco. E ha-de ser um bello republicano para o Affonso Costa se encostar. Na Republica ha-de ser a melhor agua de meza para auxiliar a digestão do Orçamento.

— E dos decretos, que me diz?

— Admiraveis, excepto a lei do divorcio. Parece-me cruel.

— Porquê?

— E' sempre doloroso ver aquella que já foi nossa mulher, ser mãe de filhos que não são nossos. Olhe que é duro.

— E a lei do inquilinato?

— Ah! d'isso não sei; não me interessa, embora tivesse vontade de mudar de casa, por que tenho medo que o Junqueiro venha a ser meu companheiro.

— Seria uma honra.

— Sem duvida, mas podia lêr-me o

artigo a respeito da bandeira.

— E da lei da separação? e do registo civil obrigatorio?

— A separação é indispensavel, visto que os padres agora podem casar, e não haviam de ser bigamos. O registo tem a grande vantagem de evitar os extravios. E' como nos correios. A gente paga os sellos, e os filhos como as cartas vão ter ao seu destino. Escusamos de sustentar filhos alheios como succede tanta vez. Isto é o que me parece que deve ser.

Sua Magestade estava cansado.

Entendemos que o massavamo é preparavamos para sahir, quando Sua Magestade nos estendeu a sua preciosa caixa d'oiro, perguntando:

— Cheira?

Oh! fatal engano! Lá dentro, em vez de rapé, Sua Magestade metterá um naco de toucinho. E nós respondemos:

— Sim, real senhor, cheira a ranço.

Sahiamos. D. João chamou-nos para nos dizer:

— Vou agora escrever ao Miguel para que adhira. Sempre ao seu dispôr. Ponha lá no jornal que eu procurei o França Borges, não se esqueça. Adeusinho.

ABEL MORENO.



Carlota Joaquina

“NOTAS D'UM LISBOETA”

Anselmo para o Zé Povinho:
 — «Zé, nas actuaes circumstancias politicas que vieram agravar a tua situação economica farias bem . . se lèsses as «Notas d'um Lisboaeta.
 Zé:
 — «Nah! isso p'ra cá já não pega.»
 Anselmo, meio intrigado, e ironista:
 — Já não péga! Então o que é que péga. Oh Zézinho?
 Zé Povinho, mettendo as mãos nos bolsos das calças:
 — «As notas... de Banco!

Contra revolução

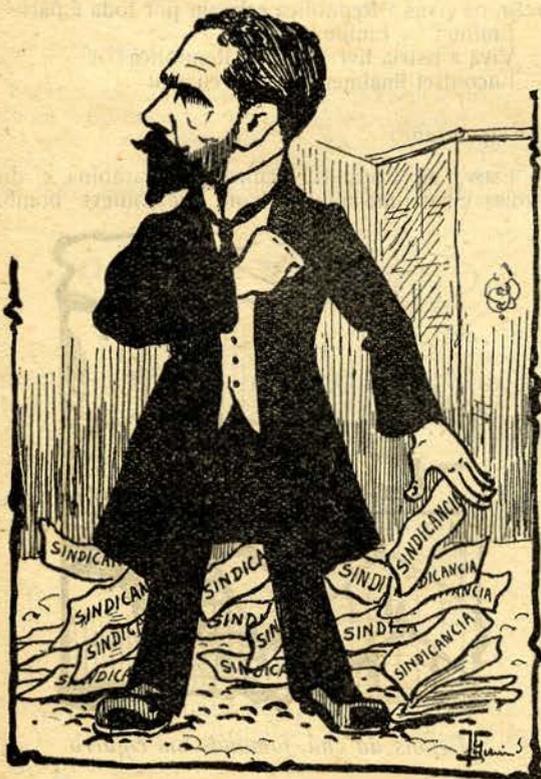
O *Liberal*, prégando a contra-revolução:
 — «Povo, nobre povo! se reintegrares a Monarchia...
 — «Já sei. . . reaparecem o imposto do consumo e a lista civil, não é?
 — «E tu não vês as vantagens que ha n'isso?
 — «As vantagens?... Ah, sim... para o rei, não é verdade?»



—V. sabe o que é Sabotage?
 —Sei. E' uma esp cie de sabão para lavar algibeiras de patrões.

Da Monarchia á Republica

IV
 JOSÉ RELVAS



O ministro das finanças não é relva que todos comam ..

La republique Portugaise

Será mais um bilhete de admissão a varias jantaradas para o nosso bom Xavier — o nosso incomparavel Carvalho.

O NOSSO...

Acha-se entre nós Xavier de Carvalho, que vem pedir ao sr. ministro dos estrangeiros para o nomear Magalhães Lima da propaganda de Portugal em Paris.

Achamos bem. O nosso Xavier é homem de muitas especies de relações. Que Magalhães Lima desculpe a substituição.

Um ponto de consciencia

Affonso Costa para os juizes da Relação, com um gesto de Marquez enxotando jesuitas:

— «Senhores juizes, Gôa? Eis o vosso camidho. Gôa!

Os juizes, passados:
 — «Mas, sr. ministro, nós procedemos com a nossa consciencia!

Affonso Costa, batendo o pé:

— «E a vossa consciencia era?

Os juizes em côro.

—Franquista...

Diario d'um patriota

PARECE-ME conveniente trasladar ao papel, n'uma fôrma definitiva e correcta, as impressões turmentuosas dos ultimos dias, que nas folhas da minha carteira se atropellam em arabescos torcidos, e em linhas que se cruzam, demonstrando claramente a agitação e a febre com que foram tracejadas. A posteridade é uma coisa que eu estou habituado a respeitar desde pequeno, porque lá o diziam os meus compendios da escola que ella é o juiz incorruptivel, o austero juiz que se não verga nem a um empenho de ministro. Ora é justamente para a posteridade que eu estou escrevendo, com esta pobre penna tão desafeita a elevados estylos e ha tantos annos enfeudada ao cursivo burucratico dos officios, porque eu desejo que a posteridade me guarde na historia d'esta agitada epocha o logar de destaque a que me sinto com direito. Como nunca se sabe o que está para acontecer e como, a gente anda na vida em busca da morte por isso me parece conveniente fixar desde já, definitivamente e correctamente, estas horas tragicas e agitadas da minha vida, n'este despretencioso diario para que ella me garanta na consideração e no respeito dos vindouros pelo menos o logar modesto de heroe supranumerario, para que elles sejam, enfim, como o lenço que nos theatros se ata á cadeira para marcar o logar.

3 de outubro

Justamente ha bocado, cavaqueando com um collega á porta da Havaneza, eu fazia o elogio de João Franco e desejava a sua dictadura, quando me deram a noticia dos primeiros disturbios. A guarda municipal vela. Estou descançado.

Senti vagamente uns tiros. Naturalmente meia duzia de exaltados que apanham a sua conta. E' bem feito!

4 de outubro, às 8 da manhã

Diabo!.. Ha tropa nas ruas, o povo anda armado. A artilharia começa a roncar.

Mas aonde querem estes doidos arrastar a patria dos Gamas e dos Albuquerque? A' guerra civil, á lucta fraticida?

Que horas de angustia tormentosa!.. O que haverá lá por fóra? E eu com as minhas economias no Monte-Pio .. Talvez tudo perdido, estou talvez arruinado. Eu bem queria sahir, mas a minha mulher escondo-me o chapéu. Que horror de situação a minha! .. Porque não havia eu de ter dois chapéus n'uma occasião d'estas para me ir bater ao lado dos meus correligionarios! .. E' verdade que n'este momento eu não sei quem elles são, porque não tenho noticias seguras de quem leva a melhor.

E se matam o rei!?

Lembrei-me n'este momento da Inglaterra e do meu padeiro. Da Inglaterra porque pôde intervir, do meu padeiro porque ainda não veiu. E' capaz de mandar couraçados. Talvez tivessem morto o pobre rapaz! ..

Oh fragilidade da natureza humana! E em que perfeita argilla é talhado o homem!.. Ao lembrar-me do desgraçado do padeiro accudiu-me o pensamento pavorosamente egoista de que era uma grande ideia se uma bala o levasse, porque lhe devo ainda o pão do mez passado.

Mas onde diabo estará o meu chapéu?

8 da noite

Acabo de queimar as minhas quotas do Centro Franquista e o meu diploma de irmão do Senhor dos Passos. O padeiro sempre veiu. Trouxe noticias da revolução e exigiu o dinheiro do mez passado. Dei-lh'o e elle chamou-me cidadão. Parece que os republicanos levam a melhor.

10 e meia da noite

Depois do chá, fumando um cigarro, estive evocando os meus tempos de rapaz, quando eu andava nos preparatorios e era republicano. Ainda vivia o Elias Garcia.

Estou sentindo que sempre o fui, não sei porquê. Na verdade, eu nunca perdi a fé e a minha familia foi sempre de liberees. O meu pae serviu com o Saldanha e eu mesmo, apesar de ter o meu rapaz em campolide, já estive vae não vae a entrar para a Junta Liberal.

meia noite

Ouçõ dizer na rua que só falta render-se a marinha e que tudo está perdido para os revolucionarios. Eu sempre o disse: meia duzia de exaltados que levaram para o seu tabaco ..

5 de outubro

Nas ruas vae um delirio. As bandas tocam a *Portuguezza*, os vivas á Republica echoam por toda a parte.

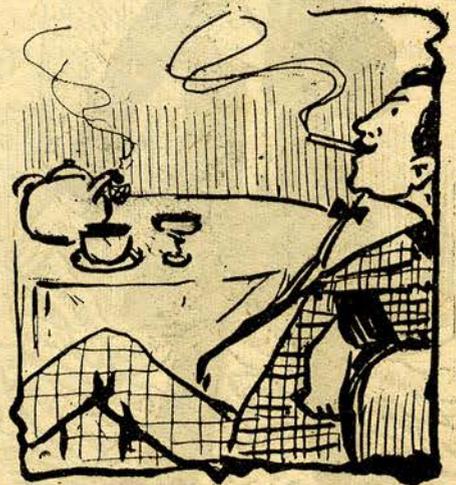
Emfim! .. Emfim! ..

Viva a patria livre! Viva a Republica!

Encontrei finalmente o meu chapéu! ..

6 de outubro

Estive na Rotunda. Tenho uma carabina e duas pistolas. Sentei-me n'um caixote que conteve bombas.



Depois do chá, fumando um cigarro

Ah! sou bem o descendente d'aquelle que serviu com o Saldanha!

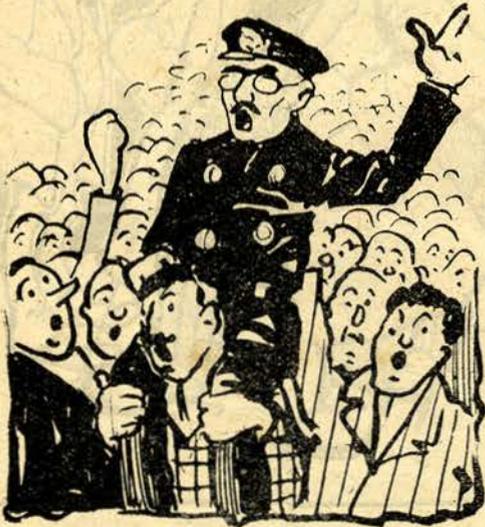
Hoje de manhã, na Rotunda photographaram-

me com o Machado dos Santos ás cavallitas. Muito meu amigo, o Machado Santos! Mal me viu esten eume a mão, disse-me logo: « Como passou? » Tudo isto me parece ainda um sonho; a patria livre, as carabinas, o Machado dos Santos a dizer-me « Como passou? »

9 de outubro

Impossivel fixar as impressões dos dois ultimos dias.

Tirei o meu rapaz de campolide. Ameacei com um murro um jesuita que se queria fazer fino.



Com o Machado dos Santos ás cavallitas

Volto d'um jantar que me offereceram. Já estou convidado para outro. Do d'hoje trouxe um ananaz para casa. O que trarei dos outros? A minha mulher quer que eu traga uma garrafa de champagne. Veremos ..

11 de outubro

Escrevi hoje para os jornaes uma carta a proposito da nova bandeira. Recorto este pedacinho:

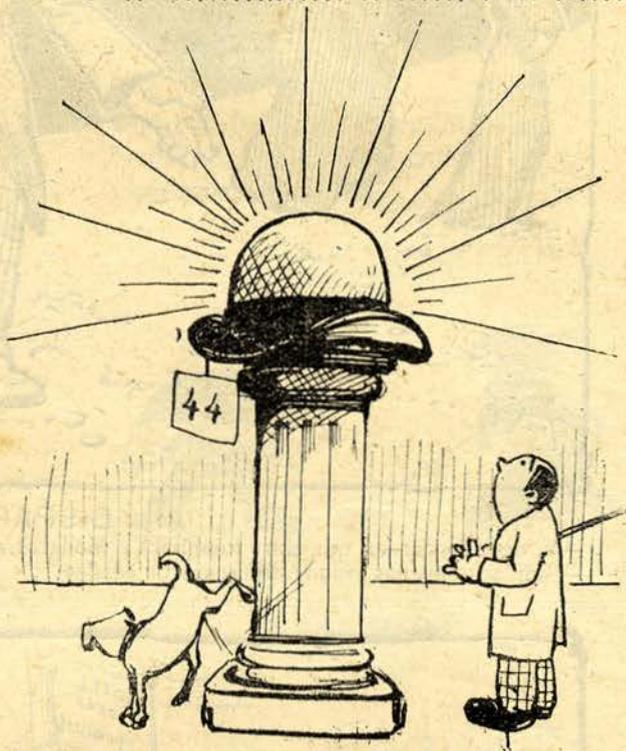
« Verde e vermelha deve ser porque essas foram as cores pelas quaes nós nos batemos na Rotunda, porque n'ellas nós, o povo, tinhamos os olhos na hora tragica

da revolução Nós a hasteamos assim, assim queremos que permaneça».

E não estou lá com meias medidas já mandei fazer uma bandeira verde e vermelha para arvorar no quintal. Por ella me bati á sua sombra quero morrer.

30 de outubro

Vejo nos jornaes uma noticia commovente. Uns amigos tomam a iniciativa d'uma subscrição nacional para me comprarem aquelle meu celebre chapéu, já hoje historico, cujo mysterioso desaparecimento me impediu de tomar uma parte mais activa na Revolução como era meu proposito.



Aquelle meu celebre chapéu

Tal é integralmento o fragmento de diario achado ha dias n'um electrico e que se entregará a quem provar pertencer-lhe.

Pela copia.

FELICIANO SANTOS.

O 606 no Vaticano

Já não ha duvida de que entraram 1:500 grammas d'aquelle precioso medicamento no Vaticano.

Mas para quê? para quem?

Para o papa não é natural visto que a doenca que ultimamente accometteu o pontifice, disseram-n'o os jornaes foi a gotta, e para a gotta não era necessario tão poderoso remedio.

Para os cardeaes do sacro collegio? Tambem não por que seria insufficiente uma dose de 1500 grammas para tanta gente,

Para a guarda Suissa?

De certo que não porque quem guarda a suissa, o papa e o dinheiro de S. Pedro, é capaz de guardar o resto para lhe evitar avaria.

Para a pomba do Espirito Santo?

Oh! não! que é de pau, o que podia ter era caruncho.

Para a nobre guarda dos archeiros?

Não. Pobres d'elles. O papa é exigente em materia de limpeza de metaes, de fórma que os infelizes mal têm tempo para limpar as albardas, e não lhes sobra um minuto para grossas avarias.

Para o dogma?

O dogma foi defenido e isto de defenição do dogma é uma especie de defeza, de preservativo contra a heresia, contra a blasphemia, quer dizer contra todas as especies de avaria.

Para os tenores da Capella Sextina?

Talvez. De certo. Com certeza. Sem duvida nenhuma. A avariose atacou-os por via indirecta, e dizem até que á falsa fé, quando estudavam contra-ponto.



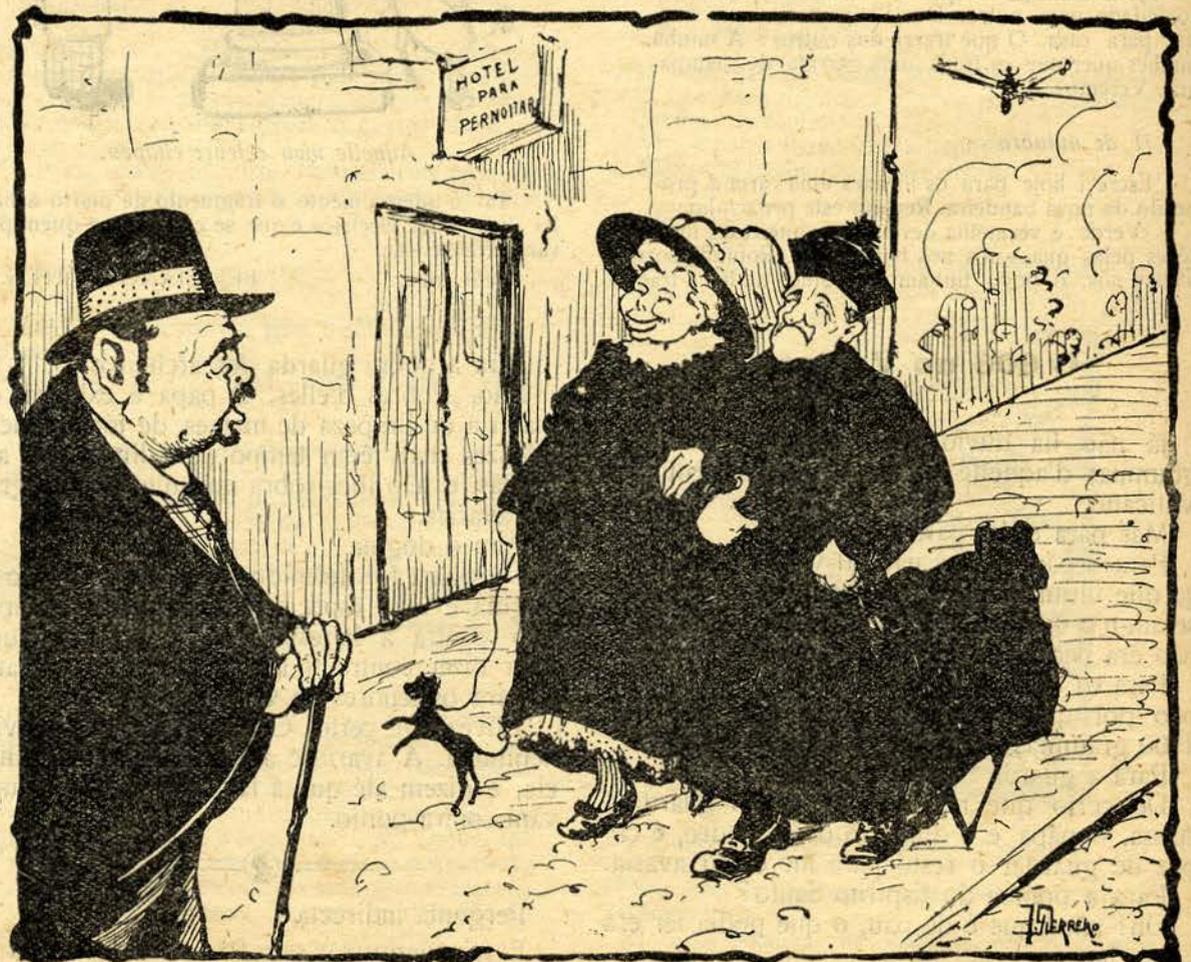
Pergunta indirecta:

E' feio perguntar se o Padre Mattos adheriu?



DISPARATES

—V. deve concordar, que entre Republica e Monarchia, ha uma grande differença, não acha?
 —Sim, acho apenas grande differença de edades...



SURPREZAS DO DIVORCIO: — Minha mulher noiva d'outro!!! . . .

INSOLENCIAS E IRONIAS

Quando te fallo, Maria,
Nos cabellos p'ra que os zeles,
Penso sempre que devia
Ser bem linda a dona d'elles.

Beije-te, ó filha, desculpa,
Porque o meu beijo coitado
Nem chega mesmo a ter culpa;
Sobre outros ficou deitado.

Disseram-me ainda ha dias,
(Não sei onde, nem sei quem,)
Que as tuas ancas bravias
São pagas por tua mãe.

Tu és branca, eu sou trigueiro,
Mas se te posso beijar,
Não sei que tem o teu rosto
Que as côres hão-de mudar.

Disseste que eu te ferira
Mesmo em pleno coração.
Desculpa, mas é mentira
— E a couraça d'algodão?...

Zangada, mandas-me a conta
Das franquias que gastaste.
Ai, minha cabeça tonta
— E os sellos que não pagaste?...

Sempre na rua. Hora alguma
Pára em casa esse olhar terno.
Palavra, pareces uma
Menina p'ra uzo externo.

Não chores amor agora
Que não ha remedio algum:
Nem quem aos trinta namora
Vem a casar com mais d'um.

ALFREDO FRANÇA.



Da Monarchia á Republica

V

EUSEBIO LEÃO



Um leão que é uma pomba ... de boas maneiras...

A VAPOR

O senhor Dr. Vellez Caldeira, que despronunciou Teixeira de Abreu, foi transferido para Gôa, razão por que resolveu passar a assinar «Dr. Velloz de Caldeira Aceza.»



Um que não voltou, nem volta a casaca
— O Marquez de Franco. E' sempre a mesma.

Entradas de Leão

Não é justo troçar da pobreza, mesmo da de espirito. Mas não se nos dava de apostar dobrado contra singello em como qualquer talassa terá muita dificuldade em nos responder á seguinte pergunta: — Onde era a séde da Liga Monarchica nos dias 4 a 5 de Outubro?

DIVORCIO E GOG



—O' patron! Dixe aqui o Xornal que xá se curou más um «gaxo» da avarioxe!...
—E eu que andava a ver se continuava incuravel para me divorciar!

EFFEITOS D'UM ACQUACEIR

I

O CASAMENTO do filho do commendador Prazeres, ex-bacalhoeiro, com a filha da viuva, da firma Borrego & Borrego, antigos armazenistas de fazendas, foi coisa de estrondo. Ao enlace assistiu a *Magdalena*, em peso .. e medida. Em peso, devido aos bacalhoeiros amigos do pae do noivo, e em medida, devido aos fanqueiros, conhecidos da mãe da noiva.

Tambem já não era sem tempo este matrimonio.

O Jasmim Prazeres havia cinco annos que tomava *gargarejos*, e a Etelvina Borrego outros tantos annos havia passado inclinada na varanda do terceiro andar, a fallar ao seu Adonis. Por isso, no dia da bôda, toda a gente dizia que aquillo é que era um casamento de *inclinação*.

O namoro tinha principiado nas sessões de espiritismo em casa da viuva Borrego, senhora de meios de fortuna que casara em primeiras e segundas nupcias com os dois irmãos Borregos, que, quando vivos constituíam a acreditada firma Borrego & Borrego.

O primeiro Borrego que casou com D. Barbara morreu ao fim de dois annos de casado, passando a viuva e a firma a girar por conta do segundo Borrego, que a Parca levou tambem ao fim de dez annos, de consorcio, deixando a D. Barbara duas vezes viuva e com duas libras de rendimento por dia. A Etelvina era filha do primeiro marido, mas parecia-se immensamente com o segundo, o que não admira porque eram irmãos.

A D. Barbara, que ficara sempre com o ultimo Borrego atravessado no espirito, para se consolar, dedicou-se ao espiritismo.

A's sextas-feiras recebia as pessoas amigas e entre ellas o commendador Prazeres, esposa e filho. Reunidos em torno da meza de pé de galo, faziam evocações espiritas.

O Jasmim e a Etelvina, sem que ninguem desse por isso, começaram a trocar olhadellas depois nas sessões tiveram contactos de mão, acabando por uma confusão de pés... de gallo debaixo da meza. Houve porém um espirito... santo de orelha que avisou a D. Barbara. Esta, devido áquelle ciume tolo, que ataca certas mães quando descobrem namoros ás filhas, pregou uma descompostura no commendador e na mulher, e não deixou entrar o filho.

O commendador, vexado pela expulsão do Jasmim e pela scena aggressiva de D. Barbara, disse lhe:

—Cria V. Ex^a, pela honra da minha commenda da Conceição, que jamais descerei da minha dignidade, subindo mais ao seu terceiro andar!

A Etelvina desmaiou e a D. Barbara fez explosão, pregando-lhe um discurso de inconveniência, terminando por lhe chamar bacalhoeiro.

A commendadeira, vendo o esposo ferido na sua dignidade metheu a colherada:

—Coitada, tem medo que lhe comam a filha! Cria-a para freira!... Ora a douctora de capello...

—De capello?! De capella... e tabacos, accrescentou enfurecido o commendador, alludindo aos principios de D. Barbara, que antes da *Borregada*, tinha sido capellista nas Cruzes da Sé.

A D. Barbara não podendo resistir ao ultraje, foi desmaiar para o pé da filha. A creada correu com dois copos de agua. O commendador e a esposa, desceram a escada, largando injurias.

O Jasmim, que tinha ouvido o reboliço, viera prudentemente para a porta da rua. O pae ao vel-o redobrou de furor, e dando-lhe um pontapé, ligou o gesto á phrase.

—Pegue, seu patife, um pontapé no... do rabo, para não andar a deitar o rabo do olho á Etelvina. As relações ficaram quebradas entre os paes, mas o namoro ficou pegado entre os filhos, continuando da janella abaixo.

O Jasmim n'essa epoca era estudante no Instituto' porque o pae vendo n'elle um rapaz de engenho, queria faz-lo engenheiro. Devido porém a successivas *raposas*, não passou de conductor e como tal deu ingresso na 3.^a secção, 2.^a zona da 1.^a direcção especial de serviços Florestaes e Fluviaes.

Finalmente passados quatro annos e meio, quando o Jasmim era empregado publico, que comia a meza do orçamento e que tinha ajudas de custo por não fazer nada, a D. Barbara começou a ve-lo com bons olhos, consentindo que o commendador, a esposa e o Jasmim lhe viessem pedir a mão da Etelvina. Ao verem-se, após tanto tempo de inimidade, o commendador, deixando correr as lagrimas, correu de braços abertos para a D. Barbara, que estava em copioso pranto. A commendadeira e a Etelvina abraçadas, fundiram-se em choro. O Jasmim era uma cascata no meio da casa, encostado á meza de pé de gallo, que em tempos fôra um pé... de *regallo*, na confusão de pés que haviam de leva-lo ao pé do altar.



—De capello?! De capella... é tabacos

A criada assustada ao ver a scena pathetica, correu á talha a encher cinco copos de agua, prevenindo-se, não desse a scena em cinco desmaios.

II

O Jasmim Prazeres estava casado havia dois annos e meio, sem que nenhum eclipse viesse pôr a mais ligeira mancha nas largas faces da sua lua de mel.

Estimado pelos seus superiores, tinha arranjado commissões de serviço que lhe davam alguns cobres para cobrir os pequenos caprichos da esposa. Só o que o arrelviava era que as commissões o forçavam a estar ás vezes semanas inteiras pela provincia, afastado da idolatrada esposa. A Etelvina Borrego, depois que passára a Prazeres, estava cada vez mais *Borrega*, isto é, cada vez mais parecida com o tio Muito arranjada, muito amavel, muito formosa, o Jasmim trazia-a nas palminhas a ponto de irem morar para a Rua da Palma O *ménage* era um eden, sem perturbações de zangas, sem mal entendidos, o que queria um queriam os dois, mesmo porque o Prazeres não era nenhum desmancha-prazer. Muito prendada, á noite, tocava piano, e como tinha uma voz afinada, cantava *romanzas* com muito sentimento. O major Sacadura Maldonado, visinho do quarto andar, gabando-lhe a voz, n'uma *soirée* das Vasconcellos, visinhos do segundo, dissera depois d'um trecho:

— V. Ex.^a, D. Etelvina Prazeres; em canto é mesmo um encanto!

O Jasmim, que havia onze dias tinha partido para o Pinhal de Leiria, n'um estudo de mattos e mattas, acabava de chegar á *gare* do Rocio no rapido das onze e vinte, ás duas horas menos um quarto da madrugada. Um descarrilamento nas Caldas da Rainha sem consequencias funestas, tinha atrasado o comboio em duas horas e vinte e cinco minutos. O Prazeres, para se entreter, passeiou pelas Caldas, comprou um boi paliteiro de faiança e um kilo de cavacas, por saber que a Etelvina dava o cavaco por ellas. Zangado com a demora, estava todavia alegre por vir fazer uma surpresa á esposa. Apesar de chegar tarde, chegava cedo, porque anticipara a sua vinda em dois dias, por urgencia de serviço na Direcção.

O Prazeres quando chegou ao Rocio e não viu carros, metteu pés a caminho, um tanto enfasiado.

— O que vale é que não é longe... Mau! parece que temos chuva, o ceo está tão carregado. Vamos a ver.

Monologando com os seus botões o Jasmim Prazeres metteu o paliteiro na algibeira e as cavacas debaixo do braço. Voltando os seus pensamentos para a esposa, que devia estar agora no primeiro somno, sonhando com elle, continuou o monologo intimo.

— Que surpresa! Ella, que só me espera na quarta feira! Que anjo! mais do que isso, que archanjo! E' o modelo das esposas, a minha querida Etelvina! Tão boa, tão boa que até nem quer que eu me preocupe com as materialidades da vida. E' ella que vae ao alfaiate, que escolhe a fazenda e manda fazer os meus fatos á sua vontade. Vae ao chapeleiro, leva-me a medida da cabeça e compra-me os chapeos. Em fim, tudo o que eu visto ella compra. Só me queixo do caprichosinho de me fazer rapar o bigode, aqui ha seis mezes. Eu que o tinha em tanta estimação! Foi com desgosto que o cortei para lhe fazer esse gosto — Vae principiar a chover, já me cahiu um pingo na mão direita e eu sem cha peu de chuva. Amanhã ás onze apresento-me ao serviço, e agora só d'aqui a tres meses tornarei a sahir de Lisboa. Teremos todas as noites sessões de espiritismo, a que assistirão as nossas familias, as Vasconcellos e o Major Sacadura Maldonado. Estê era um dos taes incredulos, mas depois que a meza lhe disse umas verdades ácerca de umas mentiras que elle tinha dito á fallecida sogra, já anda meio convertido. — E o diabo da chuva é cada pingo do tamanho de cinco tostões! A minha esposa ideal... raios partam a chuva, temo-la pegada. A ultima carta que recebi d'ella no Pinhal era annunciando que me mandára fazer um fato cor de pinhão. — Que carga de agua, felizmente que estou a dois passos de casa. O papel das cavacas já vae delido, d'aqui a pouco semeio-as. Que de beijos sem fim vou depor n'aquelle colo nascido para feiras de perolas! Eis-me chegado Eu que não trago chave do trinco, se apparecesse ao menos o guarda nocturno. Com a campainha vou acordar todo o predio. Deixal-o; eu não posso passar aqui toda a noite á chuva, com uma esposa ideal lá em cima no quente.

O Jasmim toca tres vibrantes campainhadas. Espera tres minutos mettido no humbral.

— Naturalmente a Etelvina está no melhor do seu somninho e a preguiçosa da creada ferrada no somno. Lá me cahiu uma cavaca! Estão n'uma sópa. E trago eu isto das Caldas, para chegarem sem calda

O Jasmim toca mais tres campainhada. Espera mais cinco minutos.

— Parece o somno da morte! Já estou inquieto, e encavacado com as cavacas, que me estão a largar o assucar derretido para o casaco.

Ainda mais tres vibrantissimas campainhadas.

— Estou encharcado! Valha-me Deus, estará a Etelvina doente! E eu sem guarda-chuva, nem guarda nocturno!

III

Na confortavel salinha, de moveis de gosto e de artisticas gravuras pelas paredes, está a Etelvina Prazeres enlaçada pelos braços de Mario, que a beija prolongadamente nos labios carminados.

A historia d'esta traição é simples: Mario, *suiveur* de profissão, tanto andou atrás de Etelvina, que a apanhou. Verdade seja que ella tambem não lhe fugiu.

Etelvina, ao principio, lembrou-se do Jasmim, dos juramentos e deveres de esposa e mostrou má cara ao D. Juan, depois, reparando que elle tinha boa cara, foi-lhe sorrindo e correspondendo aos cumprimentos. Recebeu-lhe cartas e deu-lhe duas entrevistas no Campo Grande. E depois, lá diz o dictado. «agua molle em pedra dura, tanto dá até que fura.» Ora o Mario, que não era molle, e a Etelvina, que não era dura, ainda furou mais depressa.

A luz de dois bicos, vellada pelo *abat-jour*, deixava o encantador par n'uma meia tinta.

— Basta, amorsinho; basta de beijos e abraços, que me suffocas... Basta, Mario, basta...

— Para cem faltam dois, linda Etelvina.

— Dois? Prompto, chegaste a cem!

— O melhor é principiar novamente. Parece-me que me enganei.
 — Não! Olha que é quasi meia noite. Vamos tomar chá e depois...
 — Cama, tens razão.
 — O' Julia, sirva o chá.
 — Diz-me lindinha, a ultima carta de teu marido annunciava que chegava na...
 — Na quarta feira.
 — Já na quarta! Maldita praga que são os taes maridos. se não fossem necessarios para haver mulheres casadas, e am bem exterminados.
 — Cala-te, que o Jasmim é uma joia.
 — O Jasmim joia?! Flôr, isso talvez Depois voltaremos ás nossas entrevistas no *paraiso* da rua das Taipas.
 A Julia entra com o chá, e retira-se discretamente.
 — A mim vae-me custar muito esta separação.
 — Já te julgavas viuva?
 — Quasi.
 — É casada em segundas nupcias com o Mario Leão.
 — Exacto. Tambem não admira, já aqui estás ha onze dias.

— E principalmente ha onze noites! Ainda só sahi uma vez e foi depois do sol posto, para ir comprar uma caixa de charutos, por se terem acabado os do teu marido. Que esplendida ideia que eu tive, para que os nossos amores não dessem nas vistas da visinhança, dizer-te para fazeres com que o teu marido use fatos eguaes aos meus.

— Eu ainda receio das Vasconcellos. São tão *janelleiras*...

— Ora adeus! Eu quando entro é de noite, e de noite todos os gatos são pardos. Imagina que, quando fui aos charutos encontrei na escada o ferrabraz do major Maldonado, que me conhece do Club

— Oh ceos! Perguntou-te onde ias?
 — Ouve. Assim que o *bispo*...
 — O bispo? Então a historia mette padres?
 — Escuta! Assim que o vejo puxei a gola. Elle com voz de trovão: — Boas noites, seu Prazeres! Eu fingi que espirrei. Elle volveu: Então, quando temos espiritismo? Tornei a espirrar. Elle: — Espirram os bodes... perdão. Depois, fingindo tambem que tossia, para d'isfarçar a tolice, acrescentou: Tambem eu estou constipado. Apertando-me a ponta dos dedos, a ponto de vêr as estrellas, lá se foi julgando que eu era o teu marido.

— Foi uma bella ideia, foi. O que custou muito ao Jasmim foi ter que rapar o bigode.
 — Tambem a mim, mas é moda.
 — O' Julia, leve as chavenas.
 Etelvina foi sentar-se no sofá onde Mario a acompanhou, encetando uma nova serie de beijos.
 O relógio bateu uma hora.

Vamo-nos deitar, lindo amor. E Mario, pegando em Etelvina ao colo, levou-a para o quarto de dormir. Quando Mario ia na segunda *beijoca* da terceira série de beijos, tres campainhadas vibrantes, na porta da rua se ouviram.

— Quem será!? exclama Etelvina assustada.

— O' diabo! Deus queira que não seja o teu marido
 — Não me digas isso. Não pode ser... a esta hora. O' Julia, ainda está a pé?

— Estou, sim, minha senhora.
 — Entre. O senhor Mario está tapado.
 — Tapado e entupido. Que espiga, se fôr o marido!
 — Não ouviu tocar?
 — Ouvei, sim, minha senhora.
 Lá em baixo resoam outras tres campainhadas.
 — Olhe Julia, vá á janella de peitos e veja quem é, de maneira que não a vejam.

Julia volta, a correr, cheia de atrapalhação.
 — Pela cabeça parece o senhor!
 Mario, em ceroulas, saltando da cama, admirado:
 — Pela cabeça!
 — Pelo chapeo, que é igual ao seu.
 — Pela cabeça do chapeo, mau, pelo chapeo da cabeça, que é igual ao meu. Então é elle! Estou perdido! Ora quem me mandaria a mim andar mettido com uma mulher casada, se ha tantas mulheres no mundo. Estou tragicó até pareço o Brazão no.

Etelvina, como é da praxe n'estes casos, prepara-se para desmaiar.

— Etelvina, que é isso!? Não desmaies agora; desmaia depois de eu ter sahido. Vamos, coragem!

Lá em baixo ainda mais tres vibrantissimas campainhadas resoam.
 Etelvina salta da cama, em camisa de seda lilaz, enfeitada a rendas finas.

— Vae deitar o predio abaixo! Meu Deus! onde te hei-de esconder? Mette-te ali no guarda vestidos... Mas vae ficar sem ar, Mario. Sem armario ficas tu; aquillo é tão fragil, que o arrebento.

— Uma ideia! Esconde-te no quarto de *toilette*.

— Isso! Bella ideia! Levo a roupa de braçado e escondo-me atraz de um reposteiro. Quando o bruto do teu



— Estou perdido!



— Que diabo! estão-me largas.

marido dormir, visto-me, e rua. Um beijo, Etelvina, naturalmente o Jasmim vae acabar a serie, o patife. Coragem e dissimulação. Adeus.

Etelvina enfia-se novamente na cama e Julia puxa a corda.

IV

O Jasmim, como um pinto, sobe a escada como um veado. Julia, no patamar, alumia.

— Safa! Parecia que tinham morrido. Já estava em brazas lá em baixo, ao frio e á chuva.

— Não falle alto. Não faça barulho, que a senhora está muito doente.

— Muito doente! ? Valha-me Nossa Senhora. Mas o que tem?

— Umhas grandes dôres de cabeça, arripios pelas costas abaixo e pelas costas acima.

— Isso é de arripiar! Deus queira que não sejam sezões; em Leiria andava d'isso. E' capaz de ter vindo o bacillus nas cartas que lhe escrevi.

— Talvez!

— Dá-me o candieiro e pega lá este paliteiro que comprei nas Caldas. As cavacas deitei-as fóra, estavam derretidas

— A senhora não pôde vêr luz.

Então o Jasmim, ás escuras, pé ante pé, atravessa o *toilette*, e chegando entre a porta do quarto, perguntou em voz baixa:

— Amorsinho! Etelvina adorada, o que tens?

— A *migraine*! Soffro horrivelmente! Vem, queridinho.

— A *migraine*? Mas como arranjaste isso?

— Estive a comunicar com os espiritos. Evoquei a D. Ignez de Castro, mas em logar d'ella veiu um espirito, que me disse umas insolencias.

— Algum espirito... de vinho. algum bebado.

— Certamente. Depois evoquei o espirito de Mario.

— De Mario?

— Sim, do celebre general romano.

— E sahiu-te um cabo de esquadra.

— Não; foi muito delicado e attencioso. Eu é que já estava indisposta com o outro espirito. Quando vim para a cama já não foi pelo meu pé.

— Vieste ao colo! De quem?

— Ao colo, não: vim pelo braço da Julia. Mas não me beijas?

O Jasmim appoxima-se do leito e beija na bocca Etelvina repetidas vezes.

— Tens febre, queimas!

— Coitadinho! E como estás molhado! Vae tirar o fato e vem deitar-te.

— Estou com frio. Cheguei com dois dias de antecedencia, devido a um telegramma do engenheiro. Mas, nas Caldas o comboio teve um desarranjo, que o fez atrazar. Teria sido uma surpresa, se não estivesses n'esse estado.

— Ah! uma surpresa agradabilissima, então não foi...

O Jasmim volta ao *toilette*, e despe-se á pressa, atirando com o fato para cima de uma poltrona. Entrando no quarto, mette-se na cama. Dá muitos beijos na Etelvina, e respeitando a *migraine*, volta-se para o outro lado, preparando-se para dormir. Para o lado da sala ouve-se o trambolhão d'uma mezinha de pé de gallo. Etelvina dá um salto.

— E' elle!

— Quem?

— O... o... Mario... o... espirito, que quer communicar.

— Então vou lá!

— Não, não vás. Tambem já é ser maçador, já communiquei com elle tres vezes, esta noite...

V

O Mario, mal ouviu que o tiroteio dos beijos tinha cessado.. fogo, sahiu de mansinho de traz do reposteiro. Pondo a roupa em cima de uma poltrona, começou a calçar as botas, depois lembrando-se que ellas rangiam, tornou-as a descalçar. Sem ruido volta á poltrona. Veste as calças.

— Que diabo! Estão-me largas; parece que tenho emagrecido! O collete tambem! O casaco está molhado. Enganar-me-hia eu na poltrona, estarei a vestir o fato do Prazeres? Deixa-lo, não me torno a despir. Nada, pôde apparecer o Othello, e não estou para tragedias. Chapelinho na mão, porque estou na casa alheia. Toca a *safar*!

No corredor, ás apalpadelas, apalpou a creada.

— Diz á senhora que a espero no sabbado, nas Taipas, no paraíso. Que inferno!

VI

São onze horas da manhã e o sol entra pelo quarto, enchendo-o de luz. Etelvina espreguiçando-se, acorda o marido. Este escancara a boca, uma rica boca, com dentes obturados a oiro.

— Sua preguiçosa... Está melhorsinha?

— Quasi boa.

— Ainda bem. Que susto me pregaste! Não pude dormir com cuidado em ti.

— Mentiroso, fartaste-te de risonar.

— Isso era nos intervallos. Quando tu acordavas adormecia eu.

— Que horas são?

Etelvina sentando-se na cama, tira o relógio do *porte-montre*.

— Onze horas



— Christo! O Christys, um chapéu tnglez

— Onze horas! E o engenheiro á espera dos estudos da matta, vae-me matar o bicho do ouvido. Mas agora reparo. Camisa de seda lilaz. Que luxo! Que *chic*!

— Pois não foste tu que me disseste que gostavas de me vêr camisas d'esta côr?

— Eu não! Perdão! Sim, devo ter sido eu.

O Jasmim Prazeres salta da cama e vae ao *toilette* lavar-se. Ao vestir as calças solta um grito:

— Horror!

— Que tens? exclama Etelvina entrando com uma ligeira bata de cassa, que lhe deixa vêr os lindos contornos.

— Estas calças não são as minhas

— Não são as tuas?

— São, são. Cá está a marca do alfaiate nas prezilhas. Mas como engordei tanto de hontem para cá! Não as consigo abotoar. Estão-me pelo cano da bota, Estarei inchado, hydropico? Meu Deus, meu Deus! Olha para mim, Etelvina. Estou disforme? Tu ris-te!

— Não... não tens nada.

Etelvina ri, ri como uma perdida.

— Perco a razão! Estoiro no collete. O casaco parece um *zésinho*. Mas porque te ris?

— Então, queridinho, não te zangues. Isso foi... foi do aguaceiro de hontem. A fazenda com certeza encolheu com a chuva.

O Jasmim olha-a com espanto. Deixa pender a cabeça e pensa um bocado.

— Tens razão. Que peste de fazendas, as nacionaes. Nunca mais compres tal panno. Que vejo! o chapeo tambem parece mais pequeno!

O Jasmim vae ao espelho e põe o chapeo, que lhe fica no alto da cabeça.

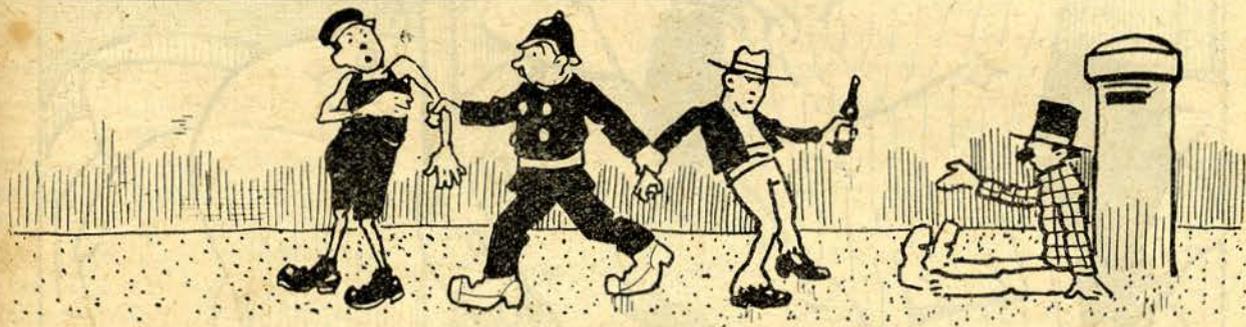
— Christo! o Christys! Um chapeo inglez tambem diminuiu!

— Ou a cabeça te cresceu...

Etelvina cae n'nma poltrona com uma crise de riso, que lhe faz abrir a bata, pondo a descoberto um colo delicioso, um colo marmorino, um colo digno de andar ao colo. O Jasmim Prazeres, desesperado, amarrota o chapeo vociferando: — Apre! E' de mais! Este inglez tambem é nacional! Que séca, a molha de hontem!

24 — 12 — 1910.

CARLOS SIMÕES.



UMA PERGUNTA

Que differença ha entre a monarchia e a Republica?

varias respostas

Alpoim :

Nenhuma.

Padre Mattos :

Apenas uma. Na monarchia dizia-se viv'ó rei, na Republica viv'á Republica.

P. S.—Na monarchia insulta-se a republica, na Republica adhire-se á sobredicta.

Teixeira de Sousa :

Na monarchia corria a massa e a agua de Vidago. Agora corre o sangue da coxa e corre perigo a integridade do physico. Pois que corra.

José Luciano :

A monarchia adeanta-nos e a republica atraza-nos as finanças com fianças.



Julio de Vilhena :

E' tudo o mesmo. Não chego nunca a chefe effectivo, *de verdad*. «Dorme que eu velo...» de *grande gala*...

Campos Henriques :

A monarchia foi lyrio que pendeu, a republica papoila que floriu... na coxa do sr. Teixeira de Soisa.

Almeida Azevedo :

A differença é só de clima. A Guarda é bem mais fria do que Lisboa. Mas... Viva a Republica.

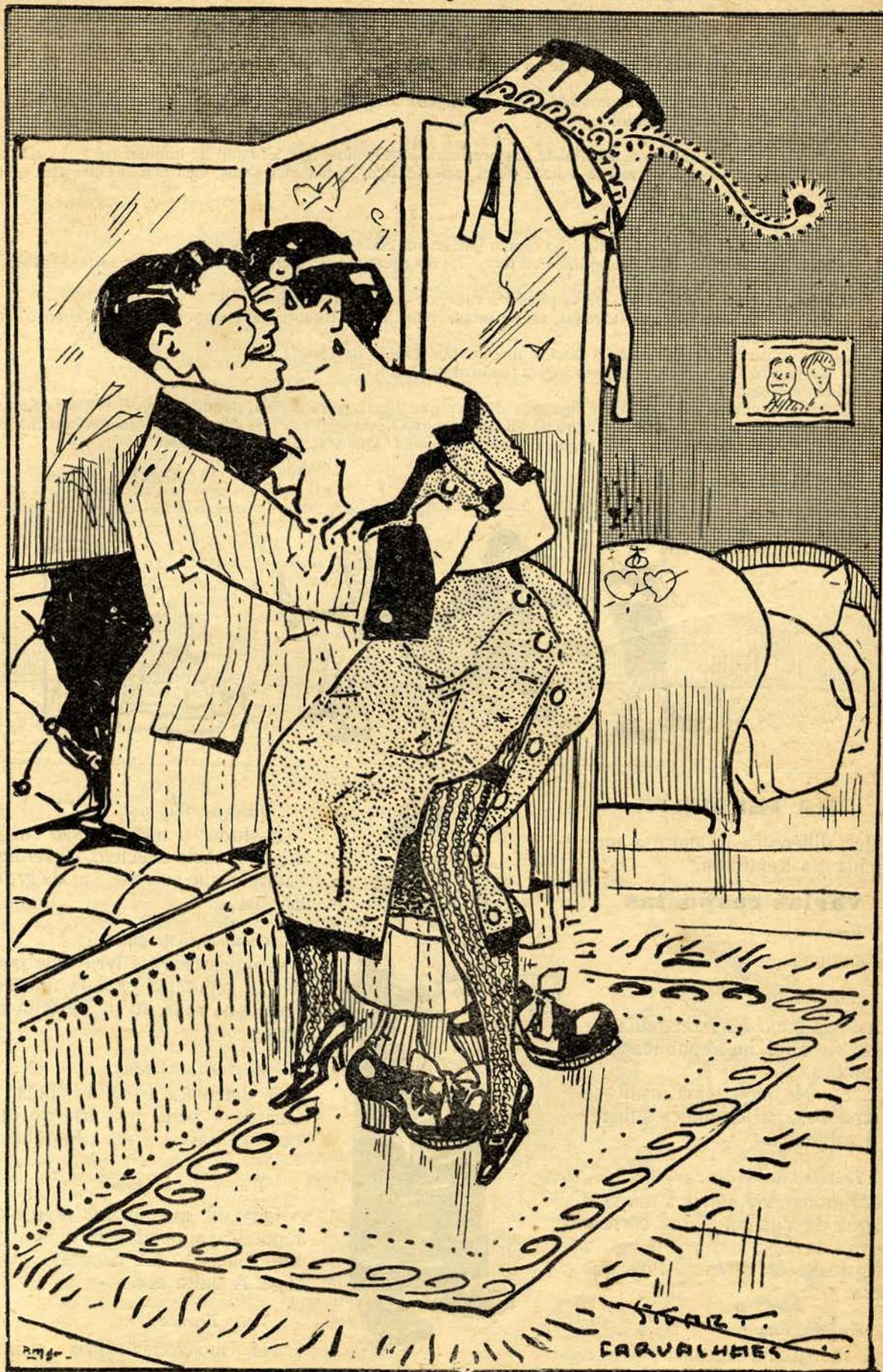
Wenceslau de Lima :

Quando um parente foge uma republica apparece, nova, no velho concerto das nações... Um foge. A outra fica.

João Franco :

Na monarchia dizia assim : Eu. Na republica digo : *Elle* são 2.000.000\$000... de fia

NO EXILIO: — Questão de Corôa



- Oh! Gaby, quanto valem as tuas caricias?
 — O' filho apenas uma corôa...
 — Ora, ora, minha filha, já não uso d'isso!...



QUANDO Deus fez esse boneco de barro chamado Adão e lhe deu o usufructo do Paraíso, creou-o para o perpetuo descanso, para o absoluto socego. No Eden terreal não havia repartições, jornaes que pedem original, mãe e filhos que sustentar — quem os tem, é claro. Não havia alfaiates e sapateiros que trouxessem contas, a comida estava á mão na fructa das arvores, a bebida ao pé na lympha chrystallina dos regatos. Adão e nós todos podiamos e deveriamos ter passado uma existencia regalada, no genero da que passa n os derviches contempladores que vivem e morrem a observar se o umbigo que a mãe lhes deu muda de logar ou se conserva inamovível.

E veiu uma mulher — sempre essa raça desnecessaria, mas indispensavel — e tudo transformou. Uma hora de curiosidade e o nosso destino transformou-se. Nós que poderiamos estar a esta hora tranquillamente á sombra das sombras paradisiacas, lendo o *Diario de Noticias* e fumando um paivante sem preocupações do dia de amanhã e da hora de logo, cá vamos por este triste mundo arastando uma vida de trabalho que vae, dizem, ser virtude, riqueza e vigor e que, na prosa commum em que todos vivemos, é um mau habito, uma pelintrice e uma estafadeira.

E dizer que ha quem goste do trabalho, pessoas que acham poucas as vinte e quatro horas do dia para se agitarem, para se moerem, para se cançarem, quando é tão bom, tão natural e tão consolador o estar de barriga para o ar, vendo correr nos Espaços o tempo e as moscas voarem no espaço.

Sonhar que ha pessoas que mal terminam uma labuta, logo, por suas proprias mãos, vão procurar outra onde quer que ella esteja! Lembrar-se a gente que ha quem peça empregos, operarios que reclamam trabalho como se porventura os empregos e o trabalho fossem generos de primeira necessidade! Abençoados os que soilicitam reformas, aposentações, os que

reclamam descansos... semanaes? Annuaes, perpetuos é que deveriam ser.

O trabalho deveria ser facultativo. Os que se divertem trabalhando, que trabalhassem para seu contento e para sustento e socego de nós outros que detestamos o trabalho... Mas pôr esta odiosa imposição ao trabalho: o pão de cada dia, a todas as creaturas, é mais uma violencia do Padre Eterno. Ganhar o pão com o suor do rosto é lá sentença que se lavre assim de animo leve a uma humanidade inteira, lá porque uma mulher colheu uma maçã e um homem se engasgou com ella! Demais a mais havendo o inverno em que se súa tão pouco.

Creou-se n'essa hora um odioso fiscal: o patrão, que nos miga o pão como se miga hortaliça para gallinhas. D'ahi veiu o Odio. Mais tarde Deus, vendo a asneira que tinha feito, mandou seu filho dizer que nos amassemos uns

aos outros. Pois não! Havemos então de amar um cavalheiro que nos arranca da cama quando ella nos está sabendo a mel e que nos enxota para deante, de enxada ou de penna mão, dizendo: «Trabalha ou não comes?»

Se o trabalho não existisse não haveria grandes cidades e livros immortaes. Mas as cidades e os livros são porventura necessarios? Não ha tanta gente que nunca veiu á cidade e que é analphabeta? Não haveria progresso? E os selvagens não vivem e não são muito mais desgraçados quando, sob pretexto de os civilisar, os brancos os mettem debaixo de chicote, a trabalhar?

Quanto mais poderia dizer se não reparasse que estão concluidas as cincoenta linhas que prometti escrever!

No emtanto, em vez de as ter escripto, não poderia — se não fosse aquella caturrice do Padre Eterno — ter estado tranquillo á sombra d'uma bananeira d'aquelle Paraíso onde os animaes fallavam, á espera que as bananas já descascadas me cahissem na bocca e conversando sem trabalho nenhum, com um leão, por



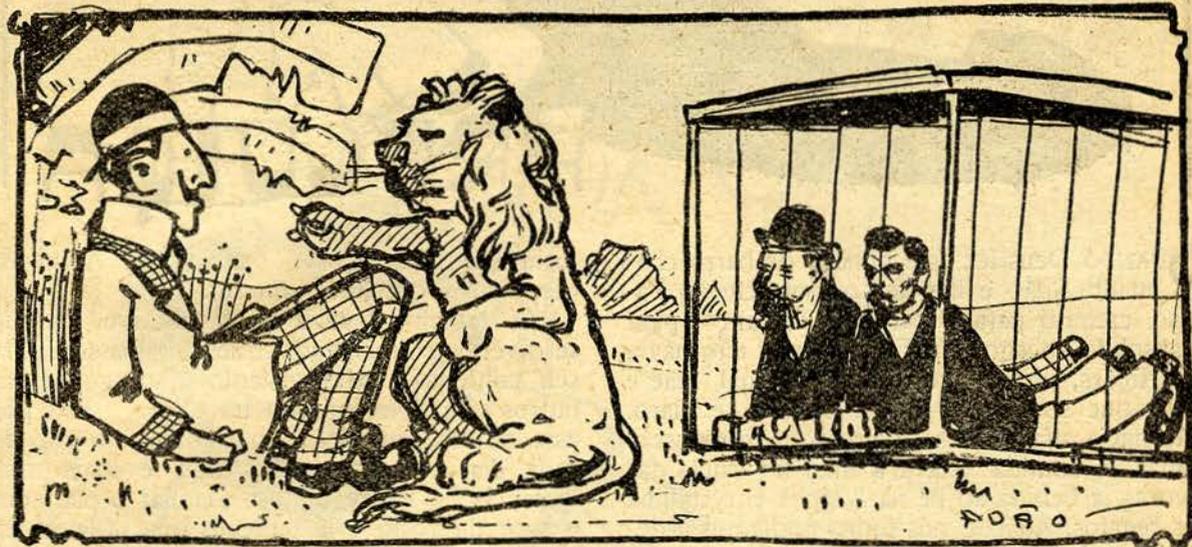
A maçã.

exemplo? Hoje para fallar com um Leão qual-quer—Ramiro ou Eusebio é um trabalho insano.

Ah, Eva! Que mal nos fez a tua maçã! Mas

emfim, a verdade diga-se apesar de tudo: fez-nos mal; mas sabe tão bem!

ANDRÉ BRUN.



© poeta Sevilha

Está desgostosissimo o poeta Sevilha. Imaginem que elle com o andar atraz da carruagem real aos vivas esperava vir a ser moço fidalgo. Parou-lhe o cão na carreira com receio de alguma bala extraviada da Rotunda...

PERFIL



— V. não acha que a mudança de instituições foi um grande salto?

— Foi, foi um salto á Luiz XV.



De Arruella, blasé e saudoso da *poussière*, continua transportando o chapeu á cabeça...

PHYLANTROPIA



Desenho de Luiz Felippi

— E quem nos diz a nós que V. não esteve tambem na Rotunda?

ULTIMA HORA

TELEGRAMMAS

NEW-YORK, 31.

Machado Santos — Lisboa
—Rotunda.

Peço diga onde assenta ar-
raiaes.

Mutual-Life.

NEW-YORK, 31.

Mundo—Lisboa.

Peço diga dia anniversario
e mande photographia Sebas-
tião, para referencia especial.

New York Herald.

LONDRES, 31.

Silva Graça—Lisboa.

Mande ideia desencravar
jornal economicamente.

The Times.

LISBOA, 31.

The Times—Londres.

Publique mil retratos dia-
rios todo bicho-careta.

Silva Graça.

HOOD-NORTON, 31.

Tabordinha—Lisboa.

Venha já restaurar passa-
deira escada cosinha.

Manuel, Duque de Bragança,

HOOD-NORTON, 31.

João Franco—Lisboa.

Entregue enxada coveiro

Teixeira de Sousa. Peça bor-
dão percursor S João.

Affonso, Duque do Porto.

CANADA, 31.

Ribas Avellar—Lisboa.

Diga seu amigo tem aqui
primo setimo grau.

Um pelle-vermelha.

CAMBO, 31

Dr. Bernardino Machado
—Lisboa.

Mande tres phrases intelli-
gentes criancinhas para final
tres actos comedia infantil,
grande successo.

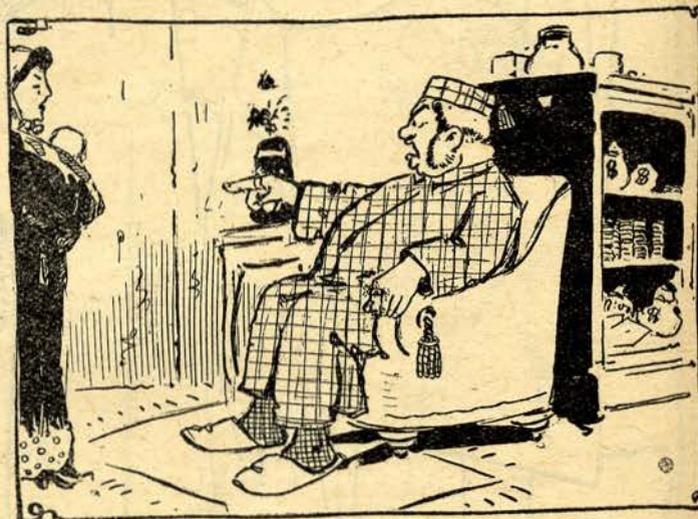
Edmond Rostand.

A lei do inquilinato

—Talvez V. quizesse que eu fosse
a sua casa buscar o dinheiro do se-
mestre.

—Ó meu senhor...

—Calle-se. Ou dinheiro ou rua.

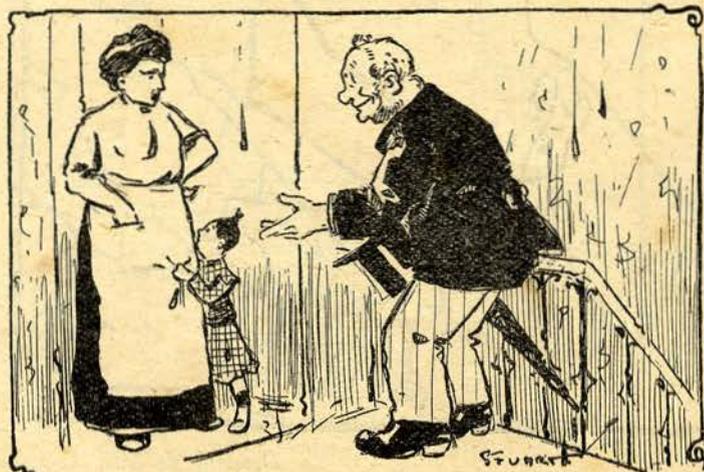


ANTES DA LEI

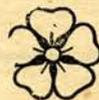
—Talvez V. Ex.^a não quizesse en-
comodar se a ir a minha casa pagar
a renda... e eu vim...

—Venha cá amanhã.

—Veja lá V. Ex.^a se lhe faz diffe-
rença...



DEPOIS DA LEI



Extravagancias

HA cada um! Ora imaginem, senhores, que ha duas noites, neste predio em que eu tambem habito — e que tem quatro andares, — houve um alvoroço estupendo, apparecendo na escada, em trajos descompostos e luz na mão, todo o inquilino, bom ou mau, que nelle se anicha.

Eu conto o caso que, de estranho que é, não se acredita com facilidade, e conto-o com verdade absoluta, pois, além da parte que presenciei, tratei de saber, pelos proprios que a elle deram origem, tudo o que antes se passara.

Edmundo Barbas, um velhote que mora no terceiro andar, lado direito, tem apenas um creado, mais ninguem em casa. Edmundo é antiquario, tem manias diversas e fica, ás vezes, a ler p'la noite dentro, não querendo que o creado adormeça ou vá deitar-se sem que elle proprio sinta a necessidade de o fazer.

Naquella noite, Edmundo, ficára a ler até ás duas horas. Nessa occasião dirigiu-se para o quarto e deu ordem ao creado p'ra recolher tambem. Pouco tempo depois — já este começára, ensomnadamente, a despir-se — Edmundo grita :

— Manuel! oh Manuel!

— Meu senhor!

O creado apparece-lhe em mangas de camisa. Edmundo está, completamente vestido, junto da cama.

— Vês este *couvre pied*?

— Yejo, sim, senhor! respondeu Manuel com a carinha de parvo que Deus lhe forneceu.

— Pois não está bem. Ha muito tempo que m'o pões assim. Olha, burro, olha! *Couvre pied* (isto é francez) quer dizer na nossa lingua o seguinte: Cobre.. Este cobre, aqui, não é o cobre dos tachos, o cobre-estanho ou ferro; p:la mesma razão que quando digo: «a hera trepa pela parede» não me refiro á era-tempo, mas á planta; quando digo que vou dar cabo a um trabalho, não quero dizer que vou dar a esse trabalho o cabo Mondego ou o cabo Tormentorio; (*Edmundo enthusiasma se; Manuel escancara a bocca e os olhos*) quando te dou cinco tostões e digo: «aqui tens uma corôa p'rás des pesas» sabes bem que essa corôa não é a corôa de D. Manuel II, de D. Affonso Henriques ou de D. Sebastião, o *Desejado*; pela mesma razão que, quando me refiro a um carvalhal e digo: «moita», não emprego o termo para significar que ninguem responde ao que pergunto; (*Edmundo esbraceja, fala com eloquencia, é um vulcão; Manuel treme, está vermelho, congestionado*) precisamente pelos mesmos motivos por-

que «bico d'obra» não é o bico duma ave, porque prego de pregar não é o prego de penhores, porque o pato-marreco não é o pato-parvo, nem o borracho-pombo é o borracho-bebado, porque, quando eu digo: «a guerra enluta muita gente», não quero dizer que, na guerra ande muita gente a luctar, mas que, por causa d'ella, fica muita gente de luto. Finalmente, porque...

— Ai! ai! o meu patrão que está doidinho! — grita Manuel deitando a fugir e lançando-se na escada, de roldão. — Ai! o meu patrão!... ai, o meu patrão!... repete angustiadamente.

Abrem-se as portas. Apparecemos todos, em trajos descompostos, com os candieiros e os castiças nas mãos.

— Que é?! Que vem a ser?! — perguntamos.

— E' o meu patrão...

— Oh, burro! cala-te! Tudo isto é p'ra ficares percebendo claramente que o *couvre pied* não se põe em cima, p'rá cabeça, pois é exactamente p'ra cobrir os pés. Agora, dá boa noite ao publico presente e vem deitar-te.

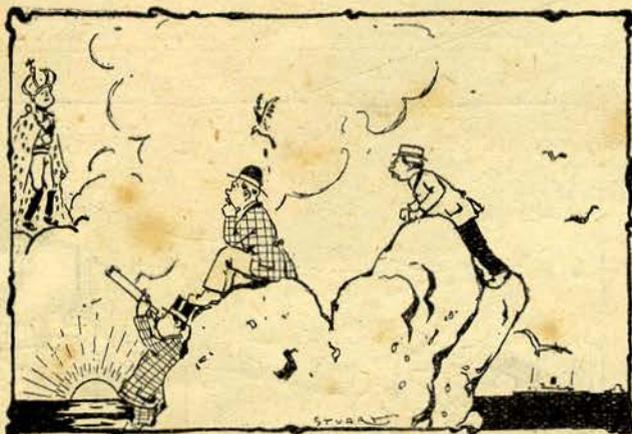
E, dadas as boas noites, recolhemos todos, sem percebemos nada, ao precioso calor das nosas camas.

Elle semp e ha gente muito extravagante! ..
Lisboa, 19 - I - 911.

A. SOBRAL DE CAMPOS.



A visão dos monarchicos



N'uma manhã de nevoa . . . e por um oculo . . . Como os Sebastianistas á espera do seu Senhor.

INSTANTANEO



Des. de J. Guerreiro.

Recorda-se você do bom tempo d'outr'ora
 Em que iamos a rir pela existencia fóra,
 Alegres, como em junho os bandos de pardaes? . . .



N'um comicio

O orador:

— Os monarchicos eram isto: os comilhões do povo, e até do proprio rei.

Um menino da juventude catholica:

— V. Ex.^a não acha que tinham gosto?

O JUDEU ERRANTE



— Quem és tu?...

— Fui todo o mundo; agora sou... ninguém.

Des. de Joaquim Guerreiro.

com a agravante dos amigos não serem meus amigos, e das amantes serem, não minhas. mas dos amigos, que como lhe disse, não eram amigos. Eu encontrava-me, meu caro senhor, como o nosso pobre Portugal, com pouco dinheiro, e esse mesmo mal administrado e desaparecendo a olhos vis'os. Precisava mudar de regimen, precisava acabar com o José Luciano.

— Com o José Luciano ?!

— O meu José Luciano eram as amantes; resolvi então, todos os dias, cortar as minhas relações com um amigo e com uma amante. Ao fim de vinte e cinco dias estava feita a revolução e eu tinha ao meu lado um só amigo, sincero, franco, leal, e uma só amante, dedicada, amorosa e linda, tão linda, que o Galhardo andou doido para a apanhar para os côros da Avenida. Aluguei uma bella casa e n'ella nos installámos os tres.

— Mas para a felicidade ser completa, objectei eu, resta saber se o seu amigo se dá bem com a sua amante.

— Como Deus com os anjos. Ainda hontem quando entrei em casa fui encontrar ambos deitados na minha cama; e sabe o que estavam fazendo?

— Calculo ..

— Estavam a aquecer-me a roupa, para eu que sou muito friorento, me não constipar.

Lisboa, 5 12—910.

MARÇAL VAZ.



Heroínas

Em todas as gazetas matutinas
Nomes de heróes passeiam sob a vista
A darem-me a impressão bem realista
De existir mais heróes que lamparinas!

Não estranhei ao vér essas neblinas
De nomes estramboticos em lista,
Comtudo alguma coisa me contrista:
E' vér qué não se fala de heroínas!

Houve mulheres que foram uns portentos!
Sentiam ganas de ir aos regimentos
E trincar os magalas bem trincados!...

Uma vi eu e até bem peceguinha,
Que em S. Pedro d'Alcantara, á noitinha,
Matou ao rei uns poucos de soldados!...

BONNEVIE.

RUSGA AOS LITTERATOS

O progresso principia
A penetrar na nação:
— Nomeou-se est'outro dia
Uma grande commissão
P'ra cuidar da orthographia.

Relaxado aos tribunaes
Será todo aquelle amigo
Que, em livros ou nos jornaes,
Escreva qualquer artigo
Com erros grammaticaes.

Vae ser um caso bregeiro
E faço já uma aposta
Contra todo o meu dinheiro
Como tem o Affonso Costa
De alargar o Limoeiro.

ESCULAPIO.

Da Monarchia á Republica

VII

THEOPHILO BRAGA



Um presidente de conselho de ministros ...

A grève das mulheres casadas

N'ESTA epocha agitada de reclamações, anda tudo em greve, armando por vezes conflitos graves.



Amanhã deve declarar-se a greve das mulheres casadas, que exigem o que ninguém seria capaz de suppôr — augmento de horas de trabalho e redução de salarios.

Augmento de horas de trabalho . . . de aturar os maridos, porque os querem em casa um quarto de hora depois da sahida da repartição. Reducção de salario, porque os pretendem reduzir a generos de . . . *com summo* . . . Assim, hontem á noite, n'uma reunião que tiveram na Misericórdia, junto á roda dos Expostos, a Sr.^a D. Eusebia apresentou a seguinte moção:

1.^o— Considerando que quem não pede morre-moiro.

2.^o— que o que é do nosso marido nosso é.

3.^o— que as credoras externas se devem dar por satisfeitas com o que têm recebido.

4.^o— que nós não podemos, não devemos, nem queremos, divorciar-nos, antes pelo contrario

5.^o— que a principal causa do desprezo a que tem sido votado o nosso thesouro é o facto dos nossos maridos recolherem tarde e ás más horas.

6.^o— que podemos, devemos e queremos pagar mais.

7.^o— que não podendo ninguem, de harmonia com a lei do inquilinato, abandonar o predio sem pôr escriptos com um mez de antecedencia, para que o senhorio possa ter novo inquilino no predio.

8.^o— que, por semelhança juridica, nós somos o predio e nossos maridos os inquilinos.

9.^o— que, além d'isso, temos, ás vezes, por nossos maridos certa inclinação.

10.^o— que n'este caso não póde haver pagamento adiantado, embora o arrendamento seja a longo praso.

11.^o— que para descanso semanal bastam as 6 horas diarias de repartição.

12.^o— que a lei de familia foi promulgada especialmente por causa dos filhos.

13.^o— que é de enguiço este numero fica em branco.



14.^o— que é preciso ter em que applicar a referida lei.

15. — que foram reduzidos os feriados e que, portanto, nossos maridos só 5 vezes por anno podem ficar na cama além das 10 horas da manhã:

As mulheres casadas de Lisboa, reunidas em comicio publico resolvem pedir ao governo que decrete o seguinte:

1.^o—Que seus maridos sejam obrigados a recolher a casa um quarto de hora depois da sahida da repartição, augmentando assim as suas horas de trabalho de . . . os aturar.

2.^o—Que sejam obrigados a trazer sempre em dia a escripturação do seu thesour.

3.^o—Que sejam obrigados a trata-las com amor e carinho, assim como ellas zelam os seus direitos.

As mulheres de Lisboa, resolvem mais pôr-se em greve, não dando nem mais um ponto, se o governo não attender as suas reclamações.



(aa) *As mulheres casadas da cidade de Lisboa.*

No museu da Revolução



— Eis a primeira granada que rebentou no palacio das Necessidades.

— E esta?

— E' a mesma antes de rebentar.

Heroes a valer . . . e a fingir

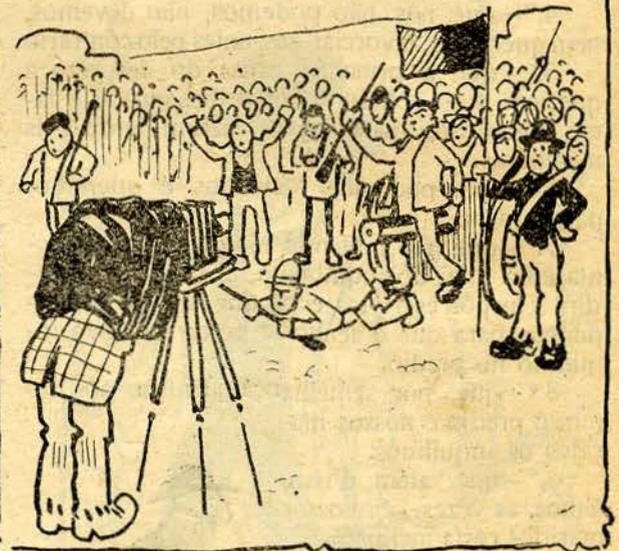
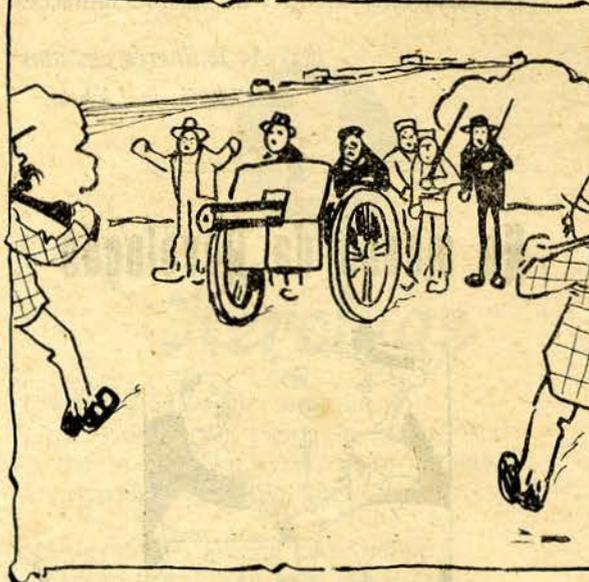
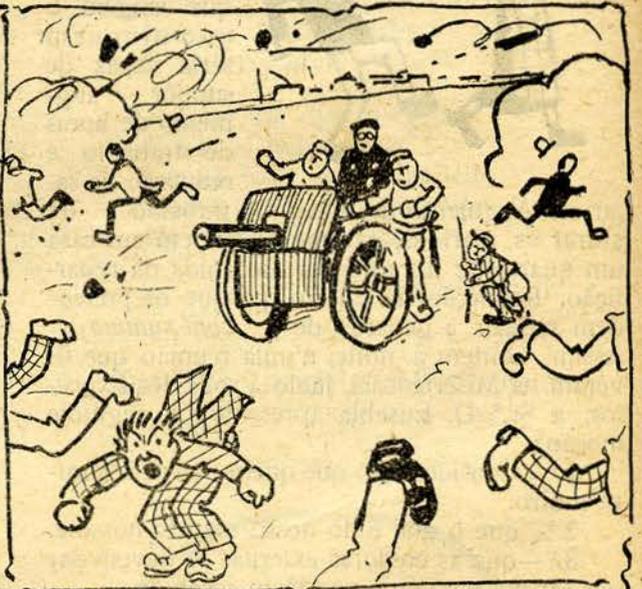
Dia 3 de outubro

E' a aurora da Revolução que desponta!...
Viva a Republica!



Dia 4 de outubro

Ai, como ellas assobiam!...
Pernas para que vos quero?!...
Viva ..



Dia 5 de outubro

Sim ou não?! Estamos firmes no nosso
posto.
Viva a Republica.

Dia 6 de outubro

Viva a Republica. Viva a patria que nós
libertámos. Portugal! eis aqui os teus 7:500 he-
roes da Rotunda!

Ai, vezes que eu tenho ouvido
Que no teu rico solar,
E' preciso um ter sahido
P'ra que o outro possa entrar.

Por mêdo ao parto, Maria,
Jurou-me jámais casar:
Cumpriu. E eu vi n'outro dia
Que o mêdo vae a passar.

A. F.

INQUERITO SOBRE A LEI DO DIVORCIO

É preciso ter descoberto a polvora para compreender o alcance da lei do divorcio. Esta lei é muitas vezes um tiro ou o retiro d'um canhão...

Xavier Barreto

Eis a mais dilecta das minhas filhas, porque dos meus filhos o mais dilecto é o Sebastião.

Affonso Costa.

O divorcio é antiquissimo. Penelope, desfazendo de noite o que tecia de dia, tinha unicamente em vista divorciar-se dos seus pretendentes. Era uma especie de pescada, que antes de ser já era... casada e divorciada.

Theophilo Braga.

A Lili disse:—O Lulú já nã'é o meu ma'ido. Ago'a é o Zézito. Eis a lei do divorcio apoiada pela ingenuidade das creanças.

Bernardino Machado.

O divorcio é uma grande lei, se os divorciados que quizerem casar segunda vez, só o poderem fazer na igreja ou na redacção do Portugal, e mesmo civilmente, mas sendo eu o official do registo civil.

P.^o Lourenço de Mattos.

O divorcio não é uma lei pessima, mas tambem não é lei de encher o olho... antes pelo contrario.

O ideal seria a poligamia e... liberdade de... culto.

Bispo de Beja.

O divorcio é o apeadeiro que fica entre a estação do Casamento e a da Prostituição.

Mendonça e Costa.

Está avaliado que em cada casamento se gastam 20 litros de vinho, em media.

Os divorciados podem tornar a casar.

Viva a lei do divorcio!

Viva o dr. Affonso Costa!

José Maria dos Santos.

Bemaventurados os que estão em condições de se divorciarem, porque é signal de que conseguiram casar, e d'elles é o geino... emboga dos céus apenas. P. N. A. M.

Manuel, duque de Bgagança.

Um leitor da «Gazeta das aldeias» perguntava o que devia fazer para que os seus bois engordassem.

Deram-lhe mil conselhos, todos, porém, sem resultado. Um dia separou-os das vacas, e cada boi ao fim de um mez pesava mais 10 kilos.

Até entre os animaes dá resultado o divorcio.

O divorcio é uma lei natural.

Brito Camacho.

Sou contra a lei do divorcio como sou contra a lei da separação da Igreja do Estado, contra a separação de Portugal da monarchia, e como fui contra a separação do Gungunhana das suas 40 mulheres.

Sou pelas ligações... politicas contra... a Republica.

Patriarcha.

Ha casos em que o divorcio devia ser prohibido, mesmo havendo motivo de sobra. Quando, v.g., o marido fôr menor... do que a mulher, porque é de boa moral não desamparar os pequenos.

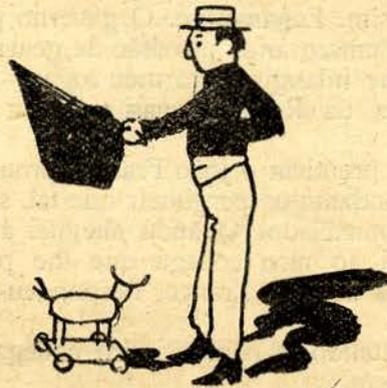
Tabordiuha.

O senhor conselheiro João Franco congeminará em dynamizar o esforço intellectual, para produzir esta lei de tanta benemerencia, mas a arma regicida que poz amaurotica a pupilla do rei Carlos destituiu-o do poder. Um bravo a Affonso Costa, que a poz em vigoridade.

Abel Botelho.

Que grande massada ter de dar opinião acerca da lei do divorcio, quando as botas me apertam os callos. A lei deve ser boa.

Gualdino Gomes.



Com o apparecimento do divorcio desaparece um bello pretexto para o duello.

Dantas Baracho.

1 mulher = 100\$000 réis mensaes.

1 homem = 50\$000 réis mensaes.

1 mulher + 1 homem = 150\$000 réis mensaes.

O divorcio reduz as despezas a um terço porque

150\$000 — 100\$000 = 50\$000

Esplendida a lei do divorcio!

I. Magalhães Bastos.

O processo do divorcio é a sindicancia ao amor conjugal.

José Relvas.

O divorcio é o salva-vidas do matrimonio.

Azevedo Gomes.



Capta a um juiz

Meu caro collega.

Saude e fraternidade.

Eu tencionava fazer uma viagem atravez o Oriente, na primavera proxima, para o que já



tinha ajuntado um pé de meias... libras. De repente, sem se saber como, quer-me até parecer que por artes magicas, implataram a republica, e eu vi modos de me pôem na rua, reformado, demittido, suspenso, enforcado ou coisa assim. Enganei-me. O governo provisório, com uma grande provisão de generosidade deixou-me intangivel, no meu lugar — integerimo juiz da Relação, quasi a chegar a venerando.

N'isto prendem o João Franco, pronunciam-no, e mandam-nos perguntar que tal, se estava bem pronunciado. Quando cheguei á relação perguntei ao meu collega que lhe parecia a pronuncia do João Franco. Respondeu-me:

—Má:

E, voltando-se para o outro collega, inquiriu tambem.

—E você, que lhe parece a pronuncia do João Franco?

—Má, pessima, respondeu elle, e por sua vez interrogou o visinho X que respondeu tambem:

—Má, pois é claro, má. Eu por mim tiravalle a pronuncia por meio de uma operação de character .. e não pode continuar por causa da vozeria que vinha d'uma manifestação que se dirigia para o «Mundo», a cumprimentar o França Borges.

Finalmente perguntei:

—Então estamos todos de *accordão*?!... E' má a pronuncia.

—E' má, responderam todos á uma, e eu lavei o *accordão* de despronuncia.

Pois, meu caro, no dia seguinte, os jornaes berravam contra nós, por termos despronunciado o João Franco, e nós nem sequer tinhamos ainda visto o processo. Tinha sido um curioso qui-pro-quo.

Eu realmente já me tinha querido parecer, que isto de pronuncia, tratando-se do João Franco devia dar asneira por causa d'aquelle

Xe da pronuncia beirá que elle tão accentuadamente conserva.

Mas o equivoco dera se e era urgente remedialo. Escreveriamos para os jornaes esclarecendo o caso. A' ultima hora, porém, diz-nos um escrivão republicano desde a gemma e desde a infancia, que nos mandavam de castigo para o Oriente.

—Alto, grita o meu collega X, ahi está a maneira de fazer partida grossa a T que está na relação de Gôa. Vou para lá e elle nunca mais é promovido. E não escreveu para os jornaes. Callou-se.

—Alto, brada o meu collega U, ahi está a maneira de me separar de minha mulher, sem me divorciar, o que seria um escandalo n'esta idade. E calou-se.

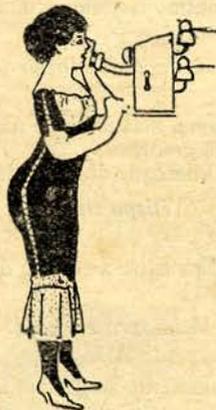
—Alto, brada o meu collega V, ahi está a maneira de eu mobilar á chineza, e em conta, a minha casa de Bemfica. E calou-se.

—Alto, clamei eu, ahi está a maneira de ir ao Oriente á *borla*. E calei-me. E calámo-nos. Fomos effectivamente transferidos.

Dentro em breve irei dar-te um abraço.

Teu — * * *

AO TELEPHONE



(As linhas ponteadas destinam-se ás palavras da pessoa que falla com a Gigi, e que o leitor terá o trabalho de deduzir quaes serão, pelo que ella diz.)

A Gigi:

—Tá lá?

—.....?

—De casa das Soisas, e d'ahi?

—.....

—Ah! és tu José, que queres?

—.....

—Se gosto... de quê?

—.....

—Não sei o que é.

—.....

—Como um beijo?

—.....

—Explica-te.

—.....

—Ah! mas não na boca...

—.....

—Então aonde?

—... ..?

—Sim, diz.

—.....!

—Ah! porcalhão. Man-de tudo o que lhe dei, cartas e tudo. Escusa de pedir-me ao papá. Porcalhão!



OS COMPADRES



— Isto assim não pôde ser, toda a gente me insulta... me chama... mentiroso... mau... etc.

— Ah! descança, menino eu decretarei que tu és bom...

— Só assim...

Com esta transformação de uniformes qual ficará

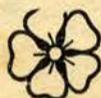


sendo o do'Box, cão policia da esquadra da Boa Vista?



— Por aqui é que é o caminho...

Já se não pôde ser industrial em Portugal.



ERRATAS

A nossa revisão está ainda na lua. Imagine-se que deixou passar a pag. 4 do nosso jornal *Ditos d'outros & Graça grossa* quando



deveria ser *Ditos doutos & Graça grossa*. Foi com certeza para nos fazer grossa partida. Mas ha mais. A pag. 9 encaixou não sabe como nem que para um *Projecto de Bandeira Nacional*, que nunca existiu no original.

Valha-nos S. Barzabum e uma figurinha de azeviche, que são preservativos (!!!) dos revisôres d'esta força.

Além d'estas outras escaparam, mas é impossivel emendal-as aqui. O leitor desculpa las-ha.



Quando passo á tua casa
Nunca me tento a entrar,
Que um desejo só me abraza
Quando custa a saciar.

Quando na rua tu passas
E toda *chic* te mostras
Com fitas, côres e laços,
Pareces livro d'amostras.

A. F.





“A Satira” no Theatro

Não sabemos se o leitor é pagante ou borlista. Se é pagante é de bom comer, porque paga e atura. Que n'esta coisa de theatros os pagantes são os mansos. Quanto mais borlista mais bravo. Ora fique sabendo o leitor, manso ou bravo, que isto de theatros está pela hora da morte. Vê a gente os cartazes e o que lê. Um *camponoz alegre* no Avenida. Vae a vêr e o que é? Julgam que é alegre? Que faz cocegas á gente, que nos amarrota os collarinhos? Qual historia. E' triste, quasi um enterro. Pouco nos falta para começarmos a chorar... em bandeiras despregadas. A *Margarida do Monte* que anda a monte no Republica? Pae do ceu. E' uma coisa em verso que começa no principio e parece nunca ter fim. Podia começar no meio, mas se não começasse nunca, não se perderia nada. Agora quem leva as lampas a tudo isto é *A Bi*, uma creatura muito mal creada, que tem escola de calão no palco do Nacional Almeida Garrett. *Tás c'uma febre! Viva lá seu viroscas, dê cá o bacalhau. Então de arames? Nicles, heim!* (Nicles aqui quer dizer nem nicles.) *Pois então boa noite ahi!* Isto é em portuguez uma coisa que se traduz: *Viroscas* o sujeito a quem se falla. *Bacalhau* a mão da pessoa a quem se falla. *Ara-mes*, é massa, não de tomate nem de farinha, mas dinheiro. *Boa noite ahi!* quer dizer, tenha V. Ex.^a muito boas noites. A defeza a este golpe é *Boa noite lá!*

Tudo isto aprendemos nós n'uma só noite d'este Berlitz da pouca vergonha.

No Gymnasio ha o *Sherlock*, não é o de Conan Doyle. Esse não vem ao Gymnasio cá da terra. Mas é um *Sherlock* de via reduzida. Não descobre nada, é estúpido como uma porta, faz que meche mas não meche e para não descobrir senão que a peça tem piada, o que já não é pouco, gasta a gente oitocentos e vinte.

Pouco mais temos que mereça a pena deitar a perna fóra de casa para tomar assento nos parlamentos theatraes. Onde os senhores saibam que se representa *oppereta allemã*, não vão. Não vão que é massada.

E' quasi sempre o seguinte:

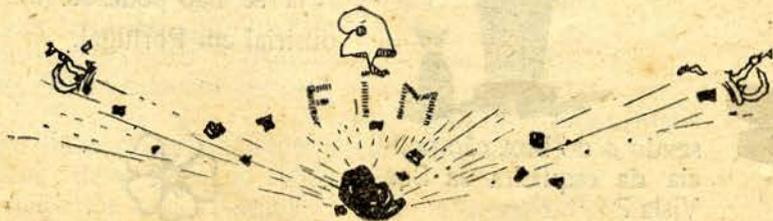
O principe Fasi ama a princeza Solá, depois isto dá logar a peripecias que o diabo nunca sonhou tudo obrigado a musica.

Imagine-se— « Dê cá um copo d'agua! » — e é a marcha da *Aida* sem lhe faltar uma nota. — « Vossê é um grande camello! » e tem a gente de gramar *metade da Viuva Alegre* virada de traz para deante para parecer outra.

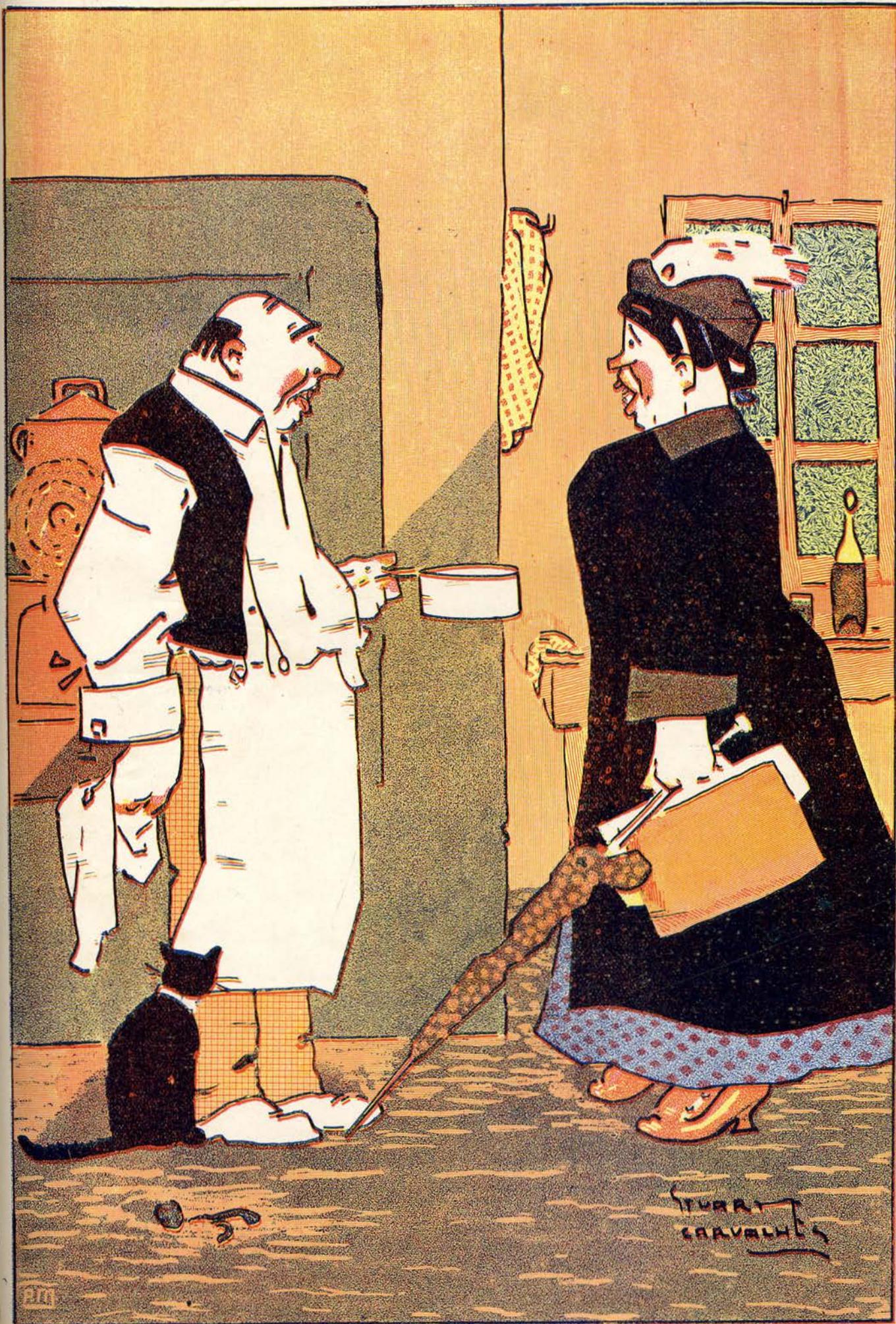
Em resumo, não vão sem perguntar á *Satira*. Para obter a resposta mette-se n'uma carta a importancia de uma assignatura. Vem no outro numero a informação desejada.

E é preciso que o leitor se se não quizer arrepende tome assento em que assento installa o dito, que isto de theatros está pela hora da morte!

NIKI.



BUROCRACIA FEMININA



—Ó Lulu, vê lá se pões o almoço na mesa, que já são horas de ir p'ra **Junfa**...

—Ó menina, não vês que ainda agora puz o feijão ao lume...

Des. de Stuart Carvalhaes.

ROSA D'OURO

PERFUMARIA



V. Ex.^a hade permittir-me que lhe offereça esta **Rosa d'Ouro**, o mais authentic talisman para a sua felicidade. Com esta rosa V. Ex.^a fará com que todos os rapazes fiquem com o coração tic, tac; tic, tac.

PERFUMARIA

DE

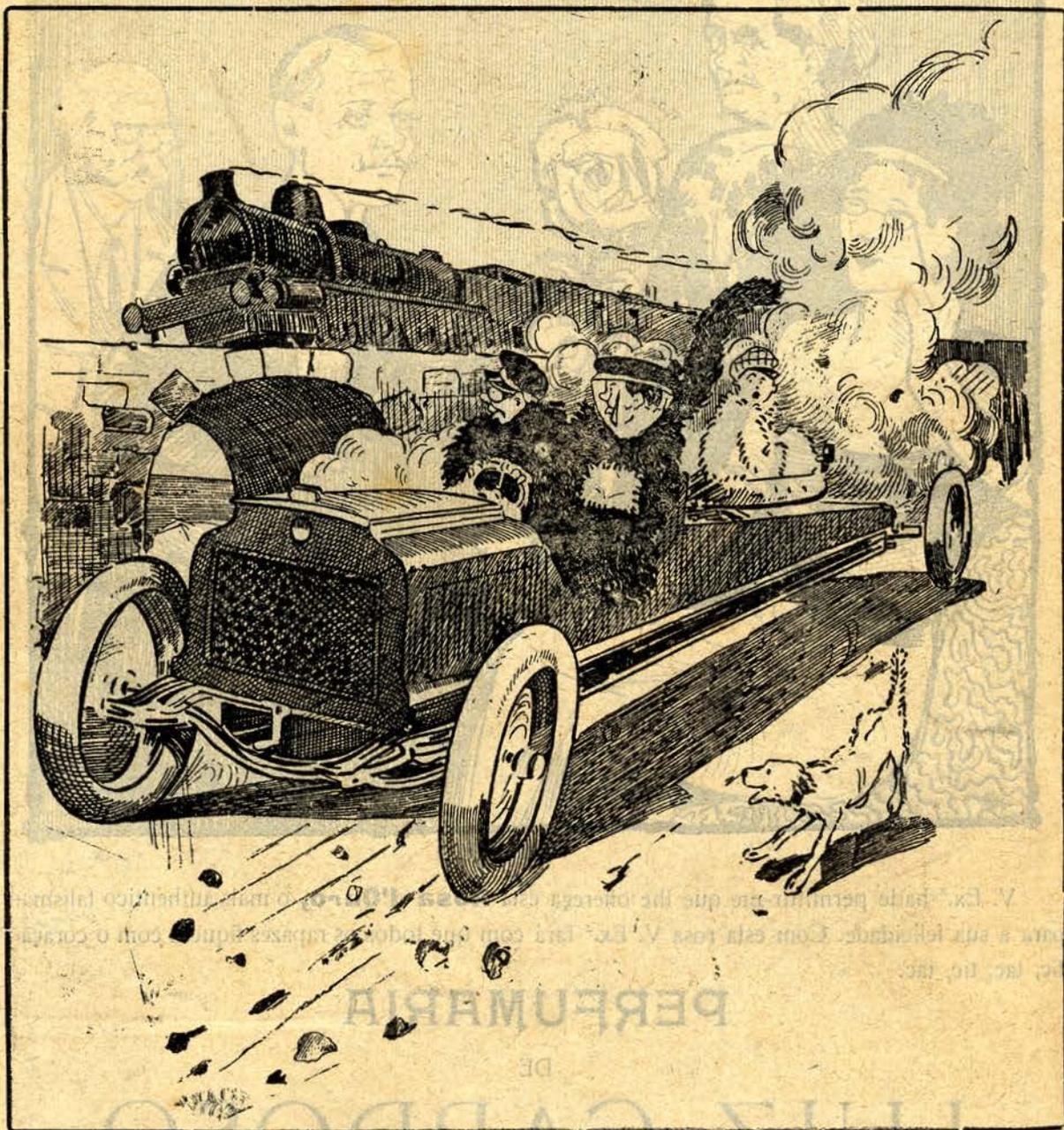
LUIZ CARDOSO

281, RUA DO OURO, 281 — LISBOA

TELEPHONE 2:638

SOCIEDADE PORTUQUEZA DE AUTOMOVEIS

AUTO-PALACE



Representantes exclusivos das principais marcas de automoveis

BRAZIER - DION BOUTON, ETC.

OFFICINA MOVIDA A ELECTRICIDADE

Reparações—Rua Alexandre Herculano



Foge lua envergonhada,
retira-te lá do céu,

Que a luz da lampada Osram
tem mais brilho do que o teu...



A SATIRA

REVISTA HUMORISTICA DE CARICATURAS

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

PAGAMENTO ADEANTADO

PORTUGAL E HESPANHA

Trimestre	150 réis
Semestre	300 .
Anno	600 .

EXTRANGEIRO E COLONIAS

Accresce o porte do correio

NUMERO AVULSO 60 RÉIS

A Satira Pequena

Publicação semanal humoristica de caricaturas

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

A SATIRA

REVISTA HUMORISTICA DE CARICATURAS

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

PAGAMENTO ADEANTADO

PORTUGAL E HESPAHHA

Trimestre	150 réis
Semestre	300
Anno	600

EXTRANCEIRO E COLONIAS

Acresce o porte ao correio

NUMERO AVULSO 80 REIS

A Satira Pequena

Publicação semanal humoristica de caricaturas

NUMERO AVULSO 20 REIS